



*Ethos:  
Habite-se*

PÁGINA 3

*Inimputabilidade  
e Loucura*

PÁGINA 5

*Psicanálise  
sem divã*

PÁGINA 11

*Atendimento  
psicológico via  
Internet ?*

PÁGINAS 14 e 15

# Amor & Cia



JORNAL  
DO PSICÓLOGO

BELO HORIZONTE  
ANO 16 Nº 62  
MARÇO 1999

 CONSELHO  
REGIONAL DE  
PSICOLOGIA  
CRP - 04

# JTP

ED	EDITORIAL.....	2
A	ARMAÇÃO .....	2
ET	ÉTICA .....	3
AG	AGENDA .....	4
T	TESE .....	5
	INSTITUCIONAL .....	6
M	MÍDIA .....	7
E	ENTREVISTA .....	8
RP	REDE PSICOLÓGICA .....	10
I	INTERFACES .....	11
CR	O CONSELHO RESPONDE ...	12
P	POLÍTICAS EM PSICOLOGIA .	13
S/N	POLÊMICA .....	14
C	CULTURA .....	16



# Inaugurando

**IX PLENÁRIO**

Inauguramos um novo ano, novo plenário, nova sede, novo jornal... às vésperas do novo milênio. Novas propostas de trabalho, ampliando as perspectivas neste espaço que foi muito desejado pelos psicólogos, e que agora se torna realidade. Não se trata apenas de um lugar onde o atendimento burocrático aos psicólogos e à sociedade será melhor. Uma nova sede foi fruto do trabalho e do desejo de vários Plenários, que compreenderam a vontade da categoria de ter um Conselho, que pudesse ser caracterizado como sua casa. Foram necessários vários anos de recursos poupados por cada gestão-plenária, para que isso pudesse ser concretizado. Coube ao IX Plenário a honra de entregá-la aos Psicólogos. A nova Sede do CRP-04 nos possibilitará construir um lugar de encontro da categoria, discutindo as questões da sua práxis, os problemas da profissão, as novidades da psicologia. Propusemos para isso marcar um dia de encontro, às quartas no Conselho, "Quartas Psicológicas", em que produziremos no campo da cultura uma discussão sobre temas relevantes da Psicologia. Às quartas temos um encontro marcado na sede do Conselho e, na segunda, esses encontros se multiplicarão no interior da Quarta Região.

Neste mês de março, já iniciamos com uma série de eventos comemorativos da inauguração da sede e deste novo tempo para a Psicologia do CRP-04 (Veja programação na página 4).

É um espaço interativo e, para isto, contamos com a sua participação, enviando sugestões, propostas de mesas redondas, filmes, saraus de música e poesia, exposições de artes, todas as nossas possibilidades de expressão, seja na capital mineira, capixaba ou nas outras cidades de Minas e do Espírito Santo. Este novo espaço aguarda todos os psicólogos. Estaremos juntos construindo mais uma possibilidade de crescimento de nossa profissão, contribuindo assim para inseri-la nas lutas pelas transformações sociais tão necessárias ao nosso país. A inauguração da sede no mês de Março, busca homenagear também as nossas colegas mulheres, que teve no dia 8 um marco importante de luta de suas conquistas. Nossa programação deste mês tem um pouco desse tom. Venha conhecer o seu novo espaço, a sua casa. Seja bem-vindo. Aguardamos você.

## PRÓXIMA PARADA

Durante o mês de março, a equipe técnica do CRP-04, juntamente com um conselheiro, estará visitando as seguintes cidades. Programe-se!

- 10/03 - Montes Claros (Reunião 19h30 - Policlínica Dr. Hélio Ferreira Sales)
- 11/03 - Taiobeiras
- 15/03 - Três Marias
- 15/03 - João Pinheiro (Reunião 20h na Secretaria Municipal de Saúde)
- 16/03 - Paracatu
- 16/03 - Unai (Reunião 20h na Associação Comercial)
- 17/03 - Arinos
- 22/03 - João Monlevade
- 22/03 - Timóteo
- 23/03 - Coronel Fabriciano
- 23/03 - Ipatinga
- 23/03 - Governador Valadares
- 24/03 - Governador Valadares - (Reunião 19h30 - Hotel Everest)

Informações: (031) 213-6767 Ramal 6

Tem psicólogo no cinema, na mídia, empregado, político, neo ou liberal... escritores, cineastas... vagabundos tatuados e desempregados, no hospital e tribunal, da rede estadual de saúde ou municipal... circulando no sistema globalizado e até no virtual.

O Jornal do Psicólogo voltou de cara nova... agora trimestral. Traz notícia, literatura, livros, cursos e política institucional... tem sorteio e coisa e tal.

Passeando por seus caminhos, encontrarão a velha esfinge com os traços do ser cibernético e eles brincam, rolam, se esquivam e se multiplicam por todos os tempos neste jornal; cada página com sua veste, este signo se estabelece.

Da Mídia retiramos o desemprego - tema sobre o qual a Psicologia vai colocar seu olhar, na sua interface com outros campos encontramos a psicanálise sem divã, pois a divã foi parar no *Amore Cía*, que no cinema já dizia das outras faces do triângulo que atravessam gerações, feitor de novelas, mitos, filmes e canções.

Loucura e inimizabilidade diz a tese de mestrado em Psicologia Social. Coisa doida que nada, projeto adiantado, tira do internato os sujeitos transtornados e já está quase aprovado, falta um pouquinho só pra ver a luta vencer. Quem luta desde cedo por certo constrói projetos, no ENEP os estudantes dizem o que pensam e querem, fazem suas marcas na história. Marcas na história, signos, marcas de palavras ou no corpo... Um bom livro de cabeceira marca para sempre, no corpo de carne-viva, o impossível do amor... para nunca mais... esquecer.

Mas na comunicação virtual, onde amor e sexo se encontram no toque das letras, na palavra e na imagem, tem espaço para a polêmica... é possível o psicólogo atender na telinha virtual? Neste tempo globalizado, vamos encontrar no mercado neoliberal, produção de subjetividades... Tem de tudo quanto é tipo e em todo lugar... Nesta salada de fim de milênio, onde a psicologia encontra-se alojada, o ET não poderia faltar... Ethos é sua morada. Cuidar da profissão é introduzir a reflexão sobre a ética onde a Psicologia está.

Tem psicólogo no cinema, na mídia, empregado, politizado, com mestrado e doutorado, escritores, cineastas, vagabundos tatuados e desempregados... circulando no sistema globalizado e até no virtual.

É essa a cara nova do Jornal.

### COMISSÃO EDITORIAL

## JJP JORNAL DO PSICÓLOGO

**IX PLENÁRIO**  
 Adilson Rodrigues Coelho • Alysson Massote Carvalho • Angela Ribeiro • Andréa Máris Campos Guerra • Cassandra Pereira Franca • Custódio Cruz de Oliveira e Silva • Elaine Maria do Carmo Dias • Elione Matos Martins • Fernanda Otoni de Barros • Francisco José Machado Viana • Jorge Franca de Oliveira • Júnia Maria Campos Lara • Maria Carmem de Castro Patrocínio • Maria do Carmo Nahas • Maria José Vilela Lamounier • Mariana de Campos Mendonça • Mércia Pimenta de Figueiredo • Milton Bicalho • Rêlui Rachide Nagine de Oliveira • Renato Luz • Roberto Chateaubriand Domingues • Rodrigo Guimarães Silva • Ronaldo de Oliveira Zenha • Samyra Assad • Sandra Maria Garcia de Aquino • Vânia Aparecida Botega

**DIRETORIA**  
 Francisco José Machado Viana Presidente  
 Jorge Franca Vice-presidente  
 Roberto Chateaubriand Domingues Tesoureiro  
 Maria Carmen C. Patrocínio Secretária

**Conselho Regional de Psicologia 4ª Região (MG/ES) CRP-04**  
 Rua Timbiras, 1532 - 6º andar - Lourdes - Cep 30140-061  
 Belo Horizonte, MG - Telefax: (031) 213-6767 Telex: (031) 392882  
 E-mail: crp04@prover.com.br

**Escritórios setoriais do CRP-04 em Minas Gerais e Espírito Santo**

- **Espirito Santo (EES)** - Rua Desembargador Sampaio, 40 - sala 301 - Ed. Top Center, Praia do Canto, Vitória ES - Cep 29055-250 Tel.: (027) 324-2806
- **Triângulo Mineiro (ESTM)**: Conselheiro residente: Renato Luz (Uberaba) e Maria José Vilela Lamounier (Uberlândia) - Rua Almor Prata, 23 - sala 705 - Ed. Os Bandeirantes - Uberaba MG - Cep 38010-050 Tel.: (034) 333-6522
- **Zona da Mata (EZM)** - Conselheiro residente: Andréa Máris Campos Guerra e Rêlui Rachid Nagine de Oliveira - Avenida Barão do Rio Branco, 2.679 sala 810 - Ed. Stela Central, Juiz de Fora MG - Cep 36010-012 - Tel. (032) 215-9014
- **Sul de Minas (ESM)** - Conselheiro residente: Sandra Maria Garcia de Aquino - Rua Comendador José Garcia, 239 - sala 202 - Pouso Alegre MG - Cep 37550-000 - Tel. (035) 422-2727

### Jornal do Psicólogo INFORMATIVO DO CONSELHO DE PSICOLOGIA - CRP-04

Editado pela Assessoria de Comunicação Social do CRP-04  
 Coordenação geral: **Fernanda Otoni de Barros**  
 Comissão: **Elione Matos Martins, Fernanda Otoni de Barros, Mariana de Campos Mendonça, Renato Luz, Rodrigo Guimarães**  
 Jornalista responsável: **Raquel Marzagão**  
 Projeto gráfico: **Marcelo Xavier**  
 Edição gráfica: **Grupo de Design Gráfico Ltda Cláudia Barcellos Guimarães** (Mtb 2109/MG)  
 Colaboração: **Ricardo Moretzsohn**  
 Revisão: **Rosa Drumond**  
 Fotolito: **Laser Plus**  
 Impressão: **Ed. Littera Maciel**  
 Tiragem: 13.000 exemplares - Distribuição gratuita  
 Periodicidade: trimestral



# ETHOS: Habite-se

MARIANA DE CAMPOS MENDONÇA

A inclusão do tema Ética, como uma seção permanente em nosso “Jornal do Psicólogo”, fundamenta-se não somente no fato de este ser hoje um assunto privilegiado em todos os âmbitos de nossa vida societária, mas também para que possamos inaugurar entre nós psicólogos um espaço de discussão e debate, em torno de algo que nos diz respeito enquanto cidadãos e profissionais.

Formulamos aqui um convite a que todos ocupem este espaço, que se presta a provocar rupturas, fazer circular e dar visibilidade aos múltiplos valores e ideais, que nos intrigam e movem, promovendo uma postura crítica diante de nossos saberes e fazeres. Acreditamos que esse movimento nos permitirá acolher a heterogeneidade e nos comprometer com as transformações históricas, políticas e sociais por que passa nosso país.

Por certo a Ética está na ordem do dia, na boca de todos, por vezes inflacionada toma as feições de mais um produto disponível a ser consumido. Proliferam associações que clamam de modo singular, provisório e pontual, por uma nova ordem que ultrapasse o conhecimento técnico, privilegiado desde a instalação da modernidade.

No campo da Psicologia, da formação do psicólogo às práticas psicológicas, reivindica-se tratar a questão Ética como algo que perpassa, que atravessa nossa constituição, engendrando simultaneamente sujeito e cultura, e não como conceito ou apêndice, como entidade etérea e isolada, abordada muitas vezes de forma burocrática. Cabe a nós, nos dizeres de Guattari, transformar “conceitos mortos” em “operadores diagramáticos” capazes de nos conduzir pelo amplo território psi, atentos ao fato de que a técnica por si só não nos forma ou se presta a avaliação de uma práxis, visto que somos constantemente questionados e responsabilizados pela direção e repercussão de nossos atos.

Dentre os mais “engajados” ou entre os que são taxados de “conservadores”, esse tema vem provocando calorosos debates nos mais diversos redutos e gerando movimentos organizados em várias frentes de nossa sociedade. Denominem-se essencialistas ou construtivistas, adotem posturas universalizantes ou relativistas, todos têm algo com que contribuir na medida em que nos levem a interrogar nossos modos de sociabilidade, nossos encontros e desencontros, neste final de milênio.

Às marcas da Modernidade com seu projeto unificador, sobrepõem-se exigências de que dirijamos perguntas às verdades instituídas; evitando o dogmatismo deslocam-nos do uno ao múltiplo, para que possamos lidar com a diferença, a dispersão e a multiplicidade com que nos deparamos no enfrentamento de subjetividades datadas, nomeadas e tecidas dentro de um contexto sócioeconômico, político e cultural específico.

A dimensão ética, gestada em nosso cotidiano, atravessa e é atravessada por nossas metas, reflexões e ações nos diversos campos e culturas em que transitamos, espelhando o tipo de relação que estabelecemos com o outro e traduzindo a ética que se produz na trama de nossa relação com o mundo, nosso modo de “habitá-lo”. Formu-

la questões aos códigos normativos instituídos e sustenta o trânsito necessário entre as teorias que nos respaldam e as práticas que se realizam. Não cabe mais que falemos de uma Ética, mas de Éticas.

Nossos costumes e tradições já desgastados, em especial com o declínio da influência de elementos religiosos, vêm se mostrando insuficientes para nos permitir ancoragem e dar sentido às nossas vidas, função que até bem pouco tempo encontrava-se sob os auspícios das religiões, das igrejas.

A religião, ao ser deslocada da esfera pública para a esfera privada das existências, delineia uma paisagem em que, por um lado, constatamos a cultura do *selfinterest*, por outro, uma aspiração coletiva à moral. Há uma superposição, uma simultaneidade de lógicas, num movimento de desorganização das formas tradicionais de ordem social por um lado, e de organização de um sistema complexo e multipolar por outro.

Em lugar dos dogmas que até então sustentavam a aspiração à felicidade, o que hoje encontramos é uma intrincada rede de relações sociais fundadas na racionalidade e no esforço humano. Nesse contexto, o valor reside nas conquistas individuais e autônomas dos seres humanos, constituindo por vezes novos tipos de dogmas laicos, como é o caso da eficiência.

A desestabilização imposta pela emergência do mundo pós-industrial remete-nos a uma interrogação permanente, restando poucos parâmetros balizadores de nossas ações cotidianas, de nossos modos de convivência. Cabe a nós empreender análises fundadas em nossas próprias experiências e intercambiá-las na busca de superar nossas dificuldades.

Neste sentido é instigante pensarmos os possíveis motivos e soluções encontrados na extensa e diversificada gama de discursos argumentativos e posturas éticas, que, ao ultrapassarem o âmbito dos códigos normativos, nos remetem, cada vez mais, ao terreno das jurisprudências ou particularidades.

Muitas vezes, nos flagramos empreendendo uma “operação resgate”, talvez movidos pela ilusão de que poderemos juntar os cacos e refazer a imagem há muito perdida. Diante de uma nova inscrição social de valores, do novo arranjo que vigora entre nós, faz-se necessária a criação de dispositivos que nos permitam avançar em direção a um “modo de ser” inédito, gerado no duplo movimento de dissolução e de construção.

Considerando a complexidade social advinda da transformação acelerada por que o mundo tem passado, onde é sensível o impacto da globalização numa sociedade cada vez mais desregulamentada, frente à política do *laissez faire*, que, pela escassez de controle carrega tensões e contradições que nos tem levado a uma séria desagregação social, são inúmeras as direções que podemos tomar, em busca de uma

morada que nos acolha no desamparo de viver numa aldeia global.

Apenas para dar a partida para a instalação da convivência que pretendemos cultivar, sugiro-lhes algumas contribuições, vindas de áreas diferenciadas, que talvez possam nos ajudar a compreender as mudanças pelas quais passamos, bem como apontar algumas direções interessantes e subsídios para nossa reflexão e diálogo.

Cada um dos autores que se seguem adota uma posição diferenciada diante da discussão que está hoje em pauta.

Gilles Lipovetsky, em seu livro *O Crepúsculo do Dever – a ética indolor dos novos tempos democráticos*, advoga em favor de uma reabilitação da inteligência sob forma de ética aplicada; despidendo-o do manto de uma nova consciência mitológica, obriga-a com os “direitos inalienáveis” dos sujeitos, de forma contextualizada e eficaz dentro de uma perspectiva humanista. Uma ética minimalista incumbir-se-ia de sustentar a fé e a lei, organizando um “Estado individualista” capaz de manter a imparcialidade entre as prédicas moralistas e o fetichismo do *selfinterest*, dentro de uma lógica flexível e dialogada de responsabilidade que se estabelece consensualmente. O modo de funcionamento das instituições neo-individualistas socialmente justas deve ser concebido a partir do respeito ao indivíduo, em seus direitos individuais à autonomia, ao desejo, à felicidade.

O autor convida-nos a apostar na ciência e na formação, na razão pragmática e experimental, julgando-as pouco exigentes com os indivíduos, mas eficazes para a sociedade. “O século XXI será ético ou não será de todo”.

Alain Badiou, que escreveu *Ética*, é filósofo e estudioso da psicanálise dentro de uma perspectiva lacaniana. Seu livro põe por terra os saberes constituídos, para erigir a *Ética das Verdades* sustentada na singularidade dos eventos fora de uma perspectiva humanista. Propõe a ética dos processos de devir das verdades, que irrompem em contextos específicos, atreladas à Linguagem e à História, dando sustentação à fidelidade, entendida como movimento continuado de ruptura. Contrapõe-se às proposições concebidas a partir de categorias identitárias abstratas e universais, que hoje constituem tendência dominante.

Angèle Kremer-Marietti, também filósofa, busca distinguir o campo da Ética e o da Moral na relação de tensão instalada entre a Lei e o Desejo. Em seu livro *A Ética* fornece aos leitores um panorama das teorias e, sustentada por Kant e Freud, alia Ética e Método para propor a universalidade do fenômeno moral, seu caráter fundante.

Luís Cláudio Figueiredo é psicólogo e em seus escritos que compõem seu livro *Revisitando as Psicologias – da Epistemologia à Ética*, fundamenta a importância de esmiuçarmos as teorias e práticas psicológicas a partir do enfoque da Ética, alinhado à forma como concebe o “espaço psicológico”. Deslinda o movimento ético na área de saúde em geral, fundado na teoria heiddegeriana e na psicanálise.

As quatro perspectivas acima mencionadas estão de certa forma contidas no “texto-convite” e espero que possam, mais que inaugurar, sustentar nosso diálogo no *Jornal do Psicólogo*. Até lá!

# AG

# LIVROS

## II Encontro sobre Psicologia Clínica

Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Data: de 13 a 15 de maio  
Data de entrega de trabalhos: até 31 de março  
Informações: (011) 236-8349 e 236-8342

## II Congresso da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar

Data: 19 a 21 de agosto  
Local: Campus da UFMG - Instituto de Ciências Biológicas - ICB

## IV Congresso Brasileiro de Neuropsicologia - O término da década do cérebro: o que aprendemos?

Data: 25 a 27 de junho  
Local: Hotel Glória, Rio de Janeiro  
Informações: JZ Promoções e Assessoria de Congressos, telefone: (021) 286-2846

## IV Encontro Paranaense de Psicoterapias Corporais

Data: 30 de março a 02 de abril  
Local: InterPalace - centro de Convenções, Curitiba  
Informações: Centro Reichiano, telefone: (041) 263-4895

## I Encontro Nacional sobre Psicanálise e Universidade

Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da UFMG  
Data: de 15 a 17 de abril  
Coordenação: Lúcio Roberto Marzagão  
Informações: (031) 499-5022 e 499-5021

## VIII Encontro Nacional dos Psicólogos da Área Hospitalar

Data: de 16 a 20 de junho  
Local: Hotel Bourbon & Tower, Curitiba  
Inscrições: até 15 de março  
Informações: Soft Planejamento e Organização de Eventos, telefone: (041) 329-2214

## VI Congresso Mineiro de Terapia Intensiva

SOMITI - Sociedade Mineira de Terapia Intensiva  
Data: 22 a 24 de abril  
Informações: (031) 222-3172 ou (031) 273-1121

## III Congresso Ibero-Americano de Psicologia Jurídica

Data: 24 a 27 de agosto  
Campus da Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo  
Associação Ibero-Americana de Psicologia Jurídica  
Informações: (011) 256-2726 e 256-3011

## Trabalhando com Redes Sociais

EquipSIS  
Data: de 21 a 23 de maio  
Coordenadoras: Juliana Gontijo Aun e Maria José Esteves de Vasconcellos  
Inscrições: até 20 de abril - 2 x R\$88,00, até 14 de maio - R\$195,00  
Informações: (011) 236-8342

## V Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica

Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt de Goiânia  
Data: 27 a 30 de maio  
Informações: (062) 241-9784

## XVII Congresso Brasileiro de Psicanálise - "O Homem, a Psicanálise e o Novo Século"

Associação Brasileira de Psicanálise  
Data: 21 a 24 de abril  
Local: Hotel Sofitel Rio Palace  
Informações: (021) 235-5922

## I Congresso Norte Nordeste de Psicologia / V Semana Baiana de Psicologia

Data: de 27 a 30 de maio  
Coordenação Geral: Nádia Maria Dourado Rocha  
Informações: (071) 247-6716

## Curso de Capacitação para psicólogos que trabalham em clínicas do DETRAN e residem no interior de Minas Gerais

As aulas estão sendo ministradas aos sábados - de 15 em 15 dias. Os interessados em formar novas turmas deverão entrar em contato com o professor Jadir. Telefone: (037) 222-5657 ou 221-0712

## Seminário: Psicanálise na Instituição

Data: 31 de março  
Coordenador: José Eduardo Moreira Amorim  
Local: CAPS Casa Viva - Rua Benjamim Constant, 1000, Juiz de Fora  
Informações: (032) 211-3886

## Seminário: As palavras e os corpos: o corpo na Psicose

Data: 20 de março  
Local: rua Benjamim Constant, 1000, Juiz de Fora  
Coordenador: Antonio Benetti  
Informações: (032) 211-3886, 215-7468 e 215-4124

## Seminário: A pulsão e o outro: panorama do *si/et* de Jacques Alain-Miller

Data: 19 de junho  
Local: Rua Halfeld, 1179 - CES / Academia  
Coordenador: Sérgio de Castro  
Informações: (032) 211-3886, 215-4124 e 215-7468

## Curso de especialização em saúde mental e trabalho

Unicentro Newton Paiva  
Data: 5 de abril - Data para inscrições: até 12 de março  
Coordenação: Maria Elizabeth Antunes Lima  
Informações: (031) 295-6277

## Curso de especialização em psicologia jurídica - psicanálise e direito

Unicentro Newton Paiva  
Data: 5 de abril - Data para inscrição: até 12 de março  
Coordenação: Fernanda Otoni de Barros e Jacqueline de Oliveira Moreira  
Informações: (031) 295-6277

## Instituto de Formação Psicanalítica

### • Sexualidade na Obra de Freud (Formação básica)

Data: março de 1999  
Coordenação: Rosa Maria Gouvêa Abras  
Informações: (031) 330-4023

### • Os Escritos de Freud sobre a Cultura (Formação básica)

Data: março de 1999  
Coordenação: Arlindo Carlos Pimenta e Eliana Rodrigues Pereira Mendes  
Informações: (031) 330-4023

### • Introdução ao Ensino de Lacan (Formação básica)

Data: março de 1999  
Coordenação: Maria Auxiliadora Bahia  
Informações: (031) 330-4023

### • Psicanálise com Criança (Curso complementar)

Data: março de 1999  
Coordenação: Laura Falci Souza e Vanessa Torres de Oliveira Alves Ferreira - Informações: (031) 330-4023

### • Estudo dos Casos Clínicos de Freud (Curso complementar)

Data: março de 1999  
Coordenação: Isaltina Barbosa Marins, Maria do Carmo Mengelli F. de Araújo e Sônia Campos Santoro  
Informações: (031) 330-4023

### • A Clínica do desejo vista por Freud e Lacan (Curso complementar)

Data: março de 1999  
Coordenação: Alberto Pantoja de Mello Filho  
Informações: (031) 330-4023

### • A Clínica Psicanalítica de Adolescentes (Curso complementar)

Data: março de 1999  
Coordenação: Catarina Angélica Silva Santos e Marília Pires Botelho - Informações: (031) 330-4023

### • Seminário II: Os Quatro Conceitos Fundamentais (Curso complementar)

Data: março de 1999  
Coordenação: Maria Auxiliadora Bahia  
Informações: (031) 330-4023

## Fóruns que pretendem, através de textos teóricos, estudar e debater temas pertinentes à comunidade analítica, à formação do psicanalista e à Escola de Lacan

Campo Lacaniano em Juiz de Fora  
Os Fóruns são locais, mas são realizados ao nível nacional e internacional. Em Juiz de Fora são realizados quinzenalmente e coordenados por uma comissão que pretende ser permutativa.  
Data: 12 de março  
Coordenadora: Rainer Melo  
Local: Av. Barão do Rio Branco, 2555/1103  
Informações: (032) 217-9740 e 217-9740

## I Encontro de Psicologia Humanista de Interior Paulista

Data: 16 a 18 de abril  
Local: Auditório do Cati - Av Brasil, 2340, Campinas - SP  
Informações: (019) 253-3477 e 252-7656

## Curso de Psicodiagnóstico de Rorschach

Data: março  
Local: Rua Matias Cardoso, 63, sala 504, Sto Agostinho  
Coordenador: Marcelo Augusto Resende - Psicólogo da Polícia Militar - Informações: (031) 337-5646

## Curso Básico de Wartegg

Data: março - Local: Av. Contorno, 9437

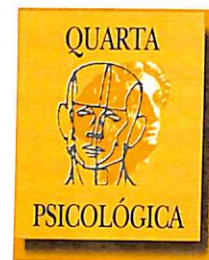
**CONVITE** - Os CRPs 04 (MG/ES), 05 (RJ) e 06 (SP) estão iniciando uma parceria para discutir e elucidar o papel e a prática do psicólogo na área de Segurança Pública. Esta face da luta pelos direitos sociais deverá criar um eixo de trabalho a partir da contribuição de profissionais que atuam em áreas diversas, como Psicologia Jurídica, Psicologia Comunitária, Direitos Humanos, assim como de outros profissionais que se interessem em participar de ações para o desenvolvimento da cidadania. Está sendo organizado, pelos três CRPs, um evento para o final de julho, em Juiz de Fora. Os interessados em participar devem fazer contato prévio com o CRP-04. Procurar Ana Paola (031) 213-6767, das 8 às 17 horas.

## Bill, o mágico que morava nos ouvidos

Lançado no dia 30 de janeiro, no Pontão Lar Shopping o livro: *Bill, o mágico que morava nos ouvidos*, da psicóloga Yara Lúcia Hilel Cardoso. Faixa etária: da alfabetização até 12 anos. Produção independente. Pedidos pelo telefone (031) 223-5615.

## Educação: carinho e trabalho

Lançado no dia 15 de janeiro, no Congresso Nacional de Educação o livro *Educação: Carinho e Trabalho*, Editora Vozes, coordenação Wanderley Codo. Trata-se do primeiro estudo intensivo e extensivo de saúde mental & trabalho, de uma categoria profissional no Brasil. Produzido em uma parceria entre a CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação) e o LPT (Laboratório de Psicologia do Trabalho - UnB).



MARÇO

**10** Peça teatral: *Mulheres de Holanda*  
Horário: 20h - Local: Teatro da Cidade  
Rua da Bahia, 1341  
Convites com antecedência no CRP-04

**17** Show musical

**24** Filme comentado: *Amor & Cia*  
Horário: 20h - Local: CRP-04

**31** Debate: *Direitos Humanos, Violência e Segurança Pública*

## Sorteio

○ CRP-04, em eventos que apoia, estará sorteando bolsas à categoria. Dentre os eventos já agendados serão sorteadas bolsas para os seguintes cursos:

- **Extensão da PUC** - Instrumento para Modernização e de Remuneração: APLR; Atendimento Psicológico ao Paciente em Hemodiálise; Oficina de Textos produzindo Textos Acadêmicos; Educação e Psicanálise: um espaço de escuta; Psicoterapia Breve; e Psicopatologia Infantil.

- **IV Congresso Brasileiro de Neuropsicologia.**  
- **I Encontro Nacional sobre Psicanálise e Universidade.**

Os interessados em participar deverão entrar em contato com o CRP-04. Procurar Ana Paola 213-6767.

# Inimputabilidade e Loucura

## Consequências clínicas da Inimputabilidade sobre o sujeito psicótico

ANA HELOISA SENRA CHEIB

A especificidade das relações do Direito com a loucura vem demandando trabalho há aproximadamente dois séculos. Testemunha disso foi Pierre Rivière que, em meio às discussões de médicos e juristas, buscou inscrever sua palavra em um detalhado memorial acerca das circunstâncias e das razões que o levaram a matar a mãe, a irmã e o irmão em 1835. Por intermédio de M. Foucault, soubemos que coube ao rei a comutação da pena de morte em prisão perpétua, considerando sua alienação mental, mas desconsiderando em que medida a lei jurídica poderia tocar o sujeito em sua singularidade. Tomando a lei ao pé da letra, Pierre suicidou-se, desvelando a radicalidade com que ela pôde inscrever-se para ele.

Assistimos também aos esforços de F. Laing, em *M. O Vampiro de Dusseldorf* na produção do julgamento de um infanticida em um tribunal composto por “foras-da-lei” que, com propriedade, pôde suportar a importância de sustentação da lei jurídica como possibilidade de exercício de cidadania e liberdade do louco, sem contudo deixar de questionar os limites com os quais ela deve se haver.

Frente à loucura, ao Direito ainda só resta a figura da inimputabilidade, produzida com o respaldo da ciência psiquiátrica e seu conceito de doença mental, buscando cumprir certa conciliação entre os ideais humanitários da modernidade, e de sua função social de garantir a paz e a segurança de uma universalidade que a ele se submete. Afinal, a vida em sociedade tornou-se possível a partir do estabelecimento de leis que normatizam as relações de convivência entre seus membros.

Expressão de uma vontade coletiva, portanto, a lei busca garantir a liberdade de conduta de uma pessoa e seu respeito pela de outrem, proibindo a conduta pela qual alguém é impedido de realizar uma conduta que lhe é interdita. É essa a via pela qual cada um encontra as garantias de sua identidade e de sua igualdade ao outro, caras à sociedade ocidental moderna.

Em sua leitura da *Psicologia das Massas* de S. Freud, H. Kelsen nos permite afirmar que a organização social demanda ao indivíduo a submissão de seu ato ao dever-ser que a lei jurídica pressupõe, a qual requer ao nível individual a substituição do próprio ideal-do-eu por um objeto ideal da massa, relativa a idéia do bem-estar regulado pelo Estado através da lei jurídica, que então asseguraria aos indivíduos proteção e amparo à própria identificação aos outros.

Tal lei se faz necessária por encontrar seus fundamentos na lei simbólica, que favorece aos indivíduos sua identificação e sua singular expressão enquanto sujeitos desejantes. Enquanto desejantes, os sujeitos humanos carregam a marca da proibição originária do incesto e do parricídio que pôs fim aos embates, no cenário de um universo de gozo, que cedeu lugar ao desejo e à culpa e marcando o início de toda

existência social humana, conforme desenhado no mito freudiano *Totem e Tabu*. As transgressões, a violência e o crime que não deixam de se inscrever, chamam o Direito, portanto, a cumprir a função de sustentar em si o peso da letra da lei que não se inscreveu ou não se suportou em outro lugar.

Constatamos, entretanto, que esse dinâmico jogo de identificações ao nível da sociedade e de sua lei tem proibido o acesso à singularidade do louco criminoso, que se torna perigoso para a universalidade de uma ordem social determinada por desejos criminosos, que restam inconscientes para os sujeitos que assim se organizam. A ele, a sociedade tem reagido através de uma operação de dupla exclusão: a ordem jurídica averigua sinais de psicopatia do agente, para reconhecer sua incapacidade de gozar do acesso aos princípios de normalização social; e autoriza o desconhecimento de qualquer sentido que tal ato pudesse expressar. Quanto mais monstruoso o ato, mais desumano seu autor. E mais se legitima a inutilidade de investigação de suas causas, ou da explicação da conduta do agente. Nesse ponto os limites entre loucura e crime se desfazem, sem perguntas ou respostas no vazio de um tribunal.

Conforme nosso Código Penal, é inimputável todo indivíduo que em virtude de doença mental era, ao tempo da ação ou da omissão, inteiramente incapaz de entender o caráter ilícito do fato, ou de determinar-se de acordo com tal entendimento. A noção de doença mental que aí subjaz pressupõe que o processo psicótico transforma o indivíduo, acarretando um defeito maciço que atinge a globalidade da vida psíquica e é constatada por perícia psiquiátrica, mas relativa à decisão do juiz quanto à capacidade ou incapacidade de culpa, da imputabilidade ou inimputabilidade.

Assim, se decidida pela imputabilidade, configurada a culpa e conseqüentemente o crime, o réu vai a julgamento, que é a fixação da pena, onde estabelecer-se-á a responsabilidade penal do acusado. É exatamente, portanto, da relação específica entre o ato e a pena, referida à lei que a antecede, que temos ao nível simbólico uma articulação significativa que permite a representação do sujeito, autor do crime. Se, ao contrário, o juiz decide pela inimputabilidade, estabelece-se medida de segurança em internação compulsória ou tratamento ambulatorial, e o réu não é levado a responder pelo fato, pois não se configurou a culpa e, conseqüentemente nem o crime, nem sua autoria.

A medida de segurança pretende ser preventiva de novas infrações do sujeito considerado perigoso; tal periculosidade é presumida e tem em vista a defesa social e a individual, essa relativa à sua proteção e tratamento que favoreçam sua reintegração social. Na prática, entretanto, com frequência, tais objetivos restam comprometidos: para o indivíduo porque pode comprometer o tratamento frente ao caráter de punição que adquirem a medida de segurança e a condição

de inimputabilidade; para a sociedade porque sua defesa acaba por reproduzir prejuízo da liberdade individual, já que segrega o indivíduo considerado perigoso a partir de um cálculo vulnerável a erros graves.

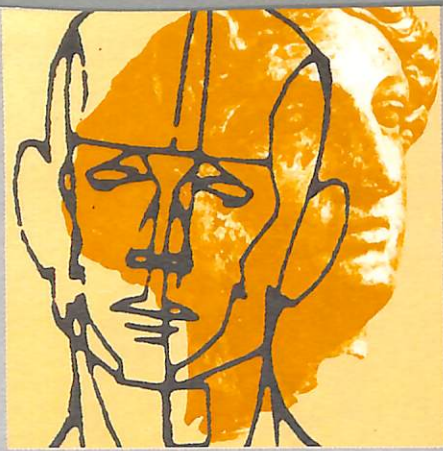
A psicanálise entende que a estrutura psicótica só se desvela em situações específicas que exigem do sujeito um modo de resposta engendrado na dimensão simbólica que ele não pode responder a não ser pelo trabalho do delírio – índice de um trabalho de reconstrução simbólica e não de uma condição deficitária, portanto, ou pela passagem ao ato.

No caso da passagem ao ato do sujeito psicótico, também presente no caso clínico discutido na dissertação, a culpa que inibiria o ato ou que nele tomaria corpo não se inscreve em virtude da forclusão que singulariza a estrutura psicótica. Afinal, a emergência da culpa é correlata ao acesso à ordem simbólica determinada pela incidência do significante da lei, Nome-do-Pai, índice da interdição da relação incestuosa entre a criança e seu objeto primordial, através do recalque dos significantes desse momento primitivo e responsável pela significação fálica essencial à constituição do sujeito do desejo. A passagem ao ato evidencia o movimento do sujeito de destacar-se do lugar de objeto de gozo, em que o sujeito psicótico permaneceu em decorrência da ineficiência do significante da lei do pai, para lhe possibilitar o acesso ao desejo.

O enigma dessa resposta ainda não encontrou lugar no ordenamento jurídico, que não pode mais que insistir em protegê-lo em sua individualidade relativa ao ser social, sustentando a impossibilidade de reconhecer sua responsabilidade pelo ato, não lhe oferecendo nenhum significante que sustentasse sua relação com o ato cometido. Assim, se o rechaço da culpa e a permanente acusação ao Outro são correlatas à negativa em admitir no simbólico aqueles significantes de uma relação que não se fez edípica, uma vez afetada a dinâmica que preside a substituição metafórica frente a lei jurídica, ao sujeito psicótico só resta ser perigoso, posicionando-se eternamente em legítima defesa. O trabalho de delírio que possibilitaria reconduzir ou organizar algum significante proveniente dessa lei no campo do Outro resta obstaculizado.

O Direito, como ele, não se sustenta pelas leis de linguagem e, sem limites e sem possibilidades de tocá-lo em sua singularidade, o agrupa na categoria particular do doente mental, sem presumir sua própria periculosidade, sem cumprir a função de fazer desse indivíduo sujeito, e desfavorecendo ao nível clínico a construção de sua responsabilidade, via única para esse sujeito sustentar-se enquanto tal.

Ana Heloisa Senra Cheib - Psicanalista. Esse texto é uma síntese da dissertação de Mestrado de mesmo título apresentada à Faculdade de Psicologia da UFMG, em dezembro de 1998. e-mail: anacheib@net.em.com.br



## Reunião de Articuladores

Dando continuidade ao projeto de descentralização do IX Plenário e com o objetivo de integrar toda a 4ª Região – MG e ES – em torno de nossas propostas de trabalho, fazendo circular a discussão aberta no campo da Psicologia, aconteceu no dia 6 de março, na sede do Conselho Regional de Psicologia, a primeira plenária ampliada, da qual participaram os articuladores de toda a 4ª Região. A reunião pretendeu apresentar propostas através do planejamento estratégico, esclarecendo o papel do articulador, definindo formas de atuação e de comunicação do interior com o CRP-04, bem como recebendo e conhecendo a demanda das diversas regiões dos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo.

### ESCRITÓRIO DO SUL DE MINAS

O Conselho Regional de Psicologia 4ª Região irá inaugurar dia 17 de abril, o escritório setorial do sul de Minas. O mesmo terá sede em Pouso Alegre. Na ocasião o presidente do IX Plenário, Francisco José Machado Viana falará aos colegas sobre "O perfil do psicólogo e mercado de trabalho para o século XXI". O endereço do novo escritório é rua Comendador José Garcia, 239 sala 202 - Pouso Alegre, MG.

## Comissão de Tomada de Contas

Foi criada uma Comissão de tomada de contas, constituída por três conselheiros – Alysson Massote, Júnia Lara e Milton Bicalho – que deverá examinar os balanços e contas do exercício de 98, bem como apresentar um relatório de prestação de contas do CRP-04 ao CFP e que, futuramente, será encaminhado ao Tribunal de Contas da União (TCU). A prestação deverá ter a aprovação da plenária. Anualmente será feita uma prestação de contas mais detalhada, contendo as despesas e encargos.

## Você sabia que...

- O conselheiro é um psicólogo participante da chapa vencedora das eleições, eleita diretamente pela categoria dos psicólogos;
- A chapa, ao tomar posse no Conselho, configura-se como um Plenário e tem mandato de três anos;
- O Plenário recém empossado nomeia, dentre os seus membros, a diretoria, os componentes das diversas câmaras e dos grupos de trabalho;
- Para prestar esses serviços, o conselheiro não é remunerado, pois trata-se de uma função de caráter voluntário.

## Balancete

Demonstração das variações patrimoniais - Período de 01.01.98 a 31.12.98

VARIAÇÕES ATIVAS		VARIAÇÕES PASSIVAS	
Receitas Correntes		Despesas Correntes	
Receita de Contribuições	1.274.232,65	Despesas de Custeio	870.757,58
Receita Patrimonial	90.770,34	Transferências Correntes	365.613,84
Receitas de Serviços	8.094,12		<b>1.236.371,84</b>
Outras Receitas Correntes	109.292,69	Despesas de Capital	
	<b>1.482.389,80</b>	Investimentos	98.732,87
Mutações patrimoniais			<b>98.732,87</b>
Aquisição de Bens Móveis	4.947,80		
Construção ou Aquisição de Bens Imóveis	93.785,07		
	<b>98.732,87</b>		
<b>Total das variações ativas</b>	<b>1.581.122,67</b>	<b>Total das variações passivas</b>	<b>1.335.104,29</b>
		Resultado Patrimonial	
		Superávit do Exercício	246.018,38
<b>Total Geral</b>	<b>1.581.122,67</b>	<b>Total Geral</b>	<b>1.581.122,67</b>

## QUANTO CUSTA

Valores de Referência Nacional de Honorários dos Psicólogos em (R\$) – Atualizados pelo INPC (1,0316) de Novembro/97 a Outubro/98

	Limite Inferior	Limite Superior
<b>Diagnóstico Psicológico</b>		
Consulta Psicológica	41,39	70,96
Anamnese	41,39	70,96
Elaboração de perfil profissiográfico	35,48	82,79
Avaliação de desempenho escolar e aprendizagem	35,48	70,96
Avaliação Psicológica	47,31	77,46
Avaliação das características psicológicas esportivas	41,39	76,87
Avaliação de prontidão para alfabetização	41,39	76,87
Avaliação de nível intelectual	35,48	70,96
Avaliação Psicomotora	35,48	70,96
Avaliação Psicomotora Relacionada ao Grafismo	35,48	70,96
Avaliação das características da personalidade	35,48	73,32
Avaliação da estrutura e dinâmica da personalidade	41,39	78,05
Entrevista devolutiva	41,39	70,96
Observação de campo com visita escolar e domiciliar	43,75	70,96
Atuação junto à comunidade	20,70	70,96
Realização de exames psicológicos (psicotécnicos)	26,02	70,96
<b>Orientação e Seleção Profissional</b>		
Orientação Vocacional	41,39	82,79
Recrutamento e seleção de pessoal	31,93	82,79
Elaboração de instrumentos psicológicos 29,57	94,61	
Desenvolvimento de projetos relativos ao trabalho	24,83	103,49
Identificação de necessidades humanas	23,65	83,97
Partic. Em prog. Educacionais, culturais, recreativos	23,65	94,61
Orientação e acompanhamento	32,53	77,46
Orientação e encaminhamento de empregados	23,65	72,14
Avaliação de programa de treinamento	35,48	98,16
Orientação e Treinamento/Desenvolvimento	29,57	94,61
Desligamento de empregados	29,57	76,87
Preparação para aposentadoria	47,31	106,43
<b>Orientação e Psicopedagógica</b>		
Realização de pesquisas	35,48	70,96
Planejamento psicopedagógico	23,65	70,96
Orientação psicopedagógica	35,48	65,04
Preparação para aposentadoria	47,31	106,43
<b>Solução de Problemas Psicológicos</b>		
Psicomotricidade individual	35,48	59,13
Psicomotricidade em grupo	29,57	59,13
Problemas de aprendizagem individual	35,48	59,13
Problemas de aprendizagem em grupo	34,89	59,13
Psicoterapia individual	41,39	70,96
Psicoterapia em casal	47,31	94,61
Psicoterapia familiar	47,31	94,61
Psicoterapia em grupo	34,30	70,96
Ludoterapia individual	35,48	70,96
Ludoterapia em grupo	32,53	65,04
Terapia psicomotora individual	35,48	59,13
Terapia psicomotora em grupo	29,57	59,13
<b>Acompanhamento e Orientação Psicológica</b>		
Acompanhamento psicológico da gravidez, parto e puerpério	47,31	76,87
Acompanhamento psicológico da gravidez em grupo	35,48	68,00
Acompanhamento psicoterapêutico	53,22	100,53
Acompanhamento psicológico de deficientes	35,48	59,13
Acompanhamento psicológico de idosos	41,39	70,96
Acompanhamento e reabilitação profissional	23,65	82,79
<b>Assessoria em Psicologia</b>		
Consultoria empresarial	56,17	130,10
Realização de pesquisa	35,48	94,61
Movimentação de pessoal	50,26	118,27
Supervisão de atividades psicológicas	49,67	94,61
Assessorias a instituições escolares	35,48	86,93

Fonte - CFP / CRPs / FENAPSI

## CLASSIFICADOS

- Sublocam-se salas na região hospitalar, em clínica de Psicologia. Tratar pelo telefone 241-4478, com Cristina ou Márcia.
- Sublocam-se horários em salas (mobiadas ou não). Rua Leopoldina, 330, Santo Antônio. Secretária física e eletrônica; ambiente agradável; preços acessíveis. Tratar com Gléna pelo telefone 296-8072, das 8 às 12 horas e das 14 às 18 horas.
- Subloco ou divido consultório de Psicologia. Rua Guajajaras, 910, sala 1403, Centro. Tratar com Rui, pelo telefone 201-3855.
- Subloco horários em consultório no Centro. Rua São Paulo, 1071, sala 1807. Tratar com Katya, pelo telefone 273-7494 ou 422-7075 ou 9983-7302.
- Sublocam-se diversos horários em consultório de Psicologia. Rua Timbiras, 1560 sala 1803, Lourdes. Tratar com Nilda, pelo telefone 361-4523.
- Representante da SEPA, em Pouso Alegre: Rosália Lopes Gonçalves. Rua Monsenhor Dutra, 231, Pouso Alegre. Telefone: (035) 421-1866.



# Psicologia, Globalização e Desemprego

A crise do emprego é um problema grave, sem dúvida um dos mais instigantes da atualidade e para o qual não se tem encontrado respostas satisfatórias. Neste momento, faz-se necessário analisar essa situação e compreendê-la em todas as suas implicações, a fim de evitar análises equivocadas. Uma delas propõe a tese do fim do trabalho. “É importante esclarecer que o que está ocorrendo é uma mudança nas formas de trabalhar e não a extinção pura e simples do trabalho. Admitir a extinção do trabalho seria equivalente a admitir a impossibilidade radical de autoconstrução humana”. O alerta é da psicóloga Maria Elizabeth Antunes Lima, professora-adjunta do Departamento de Psicologia da FAFICH/UFMG.

O aumento progressivo do desemprego é um fenômeno mundial, consequência do processo de globalização e internacionalização das empresas, que não têm poupado nem mesmo os países do primeiro mundo.

“Em princípio este é um problema mundial, mas que ganha gravidade no Brasil porque, se os países do primeiro mundo se prepararam para esse momento e investiram na educação e na qualificação das pessoas, nós, brasileiros, fomos pegos de surpresa”, afirma a psicóloga e professora do Departamento de psicologia da FAFICH/UFMG, Iris Barbosa Goulart.

Antunes Lima aponta algumas tendências gerais que podem ser identificadas no mundo do trabalho, nos diferentes países, apesar da extrema heterogeneidade das transformações: a reestruturação de alguns setores produtivos, principalmente através da flexibilização da produção; a adoção de novas estratégias de gestão; a terceirização; o aumento da produtividade e dos lucros das empresas, mas sem o crescimento correspondente do número de empregos; a adoção de novas tecnologias como a microeletrônica, a informática e a robótica, como estratégias de aumento da produtividade; a mudança no próprio sentido de trabalho formal, surgindo o trabalho doméstico, temporário e subcontratado; o aumento do desemprego e a adoção de políticas agressivas por parte das empresas, onde o corte de pessoal é percebido como forma de aumentar a eficiência e a competitividade; a redução do poder dos sindicatos e consequente retrocesso de importantes conquistas sociais e trabalhistas. “O impacto de todas essas mudanças são inegáveis. Constata-se uma transformação radical na estrutura do emprego e nas relações que se dão no interior das empresas capitalistas”, declara Antunes Lima.

Todas essas mudanças têm sido caracterizadas, por muitos autores, como uma Terceira Revolução Industrial que sustenta uma fundamental diferença quando comparada às Primeira e Segunda Revoluções. Naquelas, as máquinas ti-

raram o trabalho de muitas pessoas e o desemprego atingiu a classe proletariada. Hoje, são atingidas também classes com maior qualificação. “Com o surgimento das máquinas, substituindo a mão-de-obra humana, a reação dos trabalhadores foi atacá-las e quebrá-las, como se elas fossem as responsáveis. Eles não conseguiram perceber que aquele era um desenvolvimento irreversível, como hoje”, afirma Goulart. “Dessa forma passamos a conviver com a necessidade de uma qualificação cada vez maior”, emenda.

Alguns analistas afirmam que a redução dos empregos decorrente das inovações tecnológicas tem sido compensada pelos empregos criados a partir dessas inovações. Na prática isso não tem acontecido, já que esses novos empregos não são numericamente equivalentes aos que foram eliminados e ainda exigem uma maior qualificação. “Isso significa que na ausência de um projeto consistente de requalificação, teremos um número cada vez maior de pessoas marginalizadas e sem qualquer perspectiva de integrar-se ao mercado formal”, denuncia Antunes Lima.

Em pesquisa sobre movimentos emergentes no setor de Recursos Humanos, Goulart vem se surpreendendo com o que as pessoas chamam de qualificação profissional. Segundo ela, qualificação profissional é o nome dado a uma série de ações que a maior parte das empresas desenvolvem depois de um PVD – Plano de Demissão Voluntária –, ou seja, elas demitem pessoas ou as convocam a se aposentarem. Posteriormente, aquelas que restaram passam a desempenhar mais tarefas. Não se trata de qualificação, mas de uma multiquificação. Outro ponto que ela observa é que a qualificação só é possível para as pessoas que estão em níveis mais altos ou intermediários. “Acredito que a qualificação do trabalhador mais simples tem de se fazer na escola regular. Lá, ele tem que aprender uma língua estrangeira, ler um manual, operar algumas máquinas, ter iniciativa e intuição. Isso a empresa não vai fazer. Ela espera que o trabalhador já chegue pronto”, alerta Goulart.

Se uma crise econômica vem sempre ligada a uma crise social, vários autores procuram identificar de que modo as mudanças econômicas, tanto nas fases de crescimento quanto nas de recessão, afetam a saúde humana, manifestando-

se na forma de stress, doenças psicossomáticas, doenças do trabalho como a LER – lesão por esforço repetitivo –, etc. Pesquisas mostram que a maior ocorrência de hospitalizações psiquiátricas se verificam como uma sequência imediata ao aumento de desemprego e ao declínio da estabilidade econômica. As perdas e as ameaças vividas em situações de crise são potencialmente perigosas para a saúde mental. Segundo o psicólogo José Newton Garcia de Araújo, professor do Departamento de Psicologia da UFMG e do Departamento de Psicologia da PUC-MG, a tensão começa com os que ainda têm emprego. “Se analisarmos as diversas fontes de tensão, verificamos que o medo da dispensa se sobressai, exercendo uma força propulsora de ansiedade. Trata-se de um medo que se avoluma, tanto antes quanto após cada grande corte de pessoal”, registra ele.

Diante desse quadro, que coloca em risco a saúde e a estabilidade econômica das pessoas, pergunta-se: Que papel se reserva aos profissionais preocupados com os indivíduos e sua saúde mental? Goulart aponta como um primeiro papel o de denúncia, que não significa denúncia à imprensa, mas denunciar a existência de doenças profissionais e mostrar às empresas, ao trabalhador e ao sindicato que a reivindicação de melhores condições de trabalho pode evitar essas doenças. Um segundo papel que o psicólogo pode exercer é o de esclarecimento. Tentar mostrar que a tendência é a redução de oportunidades, e que as pessoas têm de descobrir, embora seja extremamente difícil, alternativas que não o emprego formal fixo. “Não existe mais estabilidade nem mesmo nos empregos públicos, e as pessoas têm que aprender a conviver com essa realidade. Elas têm que obter o máximo conhecimento de suas habilidades e de seu potencial”, diz.

Outra maneira em que o psicólogo pode ajudar é participando do planejamento estratégico nas empresas. Esse profissional, especialista em trabalho humano, tem condições de evitar que uma empresa componha seu quadro de empregados de forma a sobrecarregá-los.

Por fim, Goulart ainda vê a possibilidade do psicólogo trabalhar como um negociador, estabelecendo uma relação dialética entre sindicatos e federações. O movimento sindical tem sido muito afetado por todas essas transformações, e seu poder de negociação reduziu-se assustadoramente. “Ambos têm de ser fortes, mas sem radicalizar porque, se não for assim, ninguém chega a lugar nenhum”, explica ela. Goulart conclui dizendo que há um grande campo de trabalho para o psicólogo, e as pessoas ainda não perceberam isso.

O Instituto Newton Paiva oferece o Curso de Especialização em Saúde Mental e Trabalho. Veja na Agenda, página 4.



# A PSICOLOGIA vai ao cinema com Ratton & Cia



Nascido em Divinópolis, Minas Gerais, o cineasta Helvécio Ratton, diretor do filme *Amor & Cia*, é psicólogo, embora nunca tenha exercido, e nem esteja em seus planos exercer a profissão. Diz ter buscado a Psicologia, principalmente porque queria ler Freud, estudar a psicanálise e sistematizar seus estudos. Descobriu o cinema profissionalmente no Chile e admite ter sido sempre um espectador apaixonado. Hoje, acredita que o valor do cinema nacional está em criar uma narrativa brasileira, acrescentando novos elementos da dramaturgia às descobertas clássicas do cinema. “O desafio é fazer filmes brasileiros de capacidade universal”, conclui.

## Como você chegou ao cinema?

Sempre fui apaixonado por cinema, mas achava que era algo distante, e que não passava de uma paixão de espectador. Tive algumas experiências amadoras em Belo Horizonte, ajudei a criar o cine-clube que foi o cinema universitário. Comecei a fazer cinema de forma profissional no Chile, onde morei como exilado, durante alguns anos, na década de 70.

Era uma época extremamente movimentada, época do governo popular do Salvador Allende, e havia gente do mundo inteiro no Chile. Muitas produções cinematográficas estavam acontecendo. Costa Gravas e outros diretores europeus e americanos estavam filmando. Nessa época comecei a trabalhar na *Chile Filmes* que era a empresa estatal de cinema. Entrei e nunca mais saí.

O ano de 1968 agitou muito os jovens de todo o mundo; houve grande participação de todos em movimentos políticos; o Brasil vivia uma ditadura militar... Dessa forma, o cinema ficou adormecido, em segundo plano, aguardando uma oportunidade de aparecer. Essa oportunidade surgiu três anos mais tarde – em 1971 –, no Chile, quando, por uma coincidência da vida, um conhecido me chamou para trabalhar numa produ-

ção que estava dirigindo. Entrei como assistente de produção, participei na área de arte, figurino, cenografia. Em 1974 voltei ao Brasil, depois do golpe militar no Chile. Meus planos eram morar no Rio, a capital do cinema brasileiro, mas fui preso.

**Subjetivamente, a construção de uma personagem para o cinema, quando ela vem trazida da literatura, é diferente de quando não passa pela literatura?**

Acho que não. Quando a personagem vem da literatura, ela pode já ser bem delineada, bem criada e pode até ser que a literatura já a tenha popularizado. Nesse caso, terá que lidar com algo que está muito constituído. De qualquer maneira, sempre será necessário acrescentar novas luzes à personagem, mesmo que já venha da literatura com certo desenho. Na literatura, a personagem pode se expressar, por exemplo, através de pensamentos. No cinema ela se expressa através da ação. No cinema, a personagem não pensa; pode-se, eventualmente, até usar uma voz em *off*, como se fosse seu pensamento. Mas, na verdade trata-se de um recurso menor ou não suficiente. Na literatura, a personagem pode se expressar muito através do fluxo de pensamento, enquanto que no cinema se expressa da maneira que age.

**Persuasão da imagem ou poder evocativo das palavras?**

Se levarmos em consideração a época atual, diria que a imagem é superior e mais poderosa. Estamos vivendo uma época de domínio absoluto da imagem. Os jornais impressos tendem a reduzir o texto e oferecer mais imagens. Enfim, há um domínio da imagem. Mas, olhando de outra forma, a escrita continua mais poderosa por ter menos limites. Na literatura, a imaginação não tem fim e, então, não há limites de orçamento. Quando lidamos com a imagem, temos que saber quanto ela custa. O cinema é uma das poucas atividades artísticas que é, ao mesmo tempo, arte e indústria.

**Há uma forte tendência, tanto no vídeo quanto no cinema, de aproximação com as artes plásticas, visando eliminar completamente a narrativa...**

Cinema é narrativa, é contar uma história. Isso pode até acontecer em vídeos experimentais, mas não têm peso. O cinema se afirmou, enquan-

to meio, na medida em que se tornou uma forma de narrativa, que dentro de determinado tempo conta-se uma história. É verdade que o cinema e a televisão utilizam de elementos das artes plásticas com muita frequência.

**Seria possível falar de uma linguagem do cinema?**

O cinema possui uma linguagem aberta, ampla e com muitas possibilidades. Nos anos 50 houve um movimento na França, *nouvelle vague* que se valia de muitas experiências literárias, de linguagem bem radical, e que culminaram com muitos filmes. Filmes enigmáticos e difíceis. Esse movimento, de certa forma, gerou o *Cinema Novo* no Brasil. O cinema veio se modificando ao longo dos tempos, não só pela incorporação de novas tecnologias, como pela descoberta dos cineastas que foram criando novas formas narrativas. Mas ele ainda permanece com uma proposta básica: o filme é um meio de se contar uma história e de emocionar através da imagem e do som.

**Você tem receio de que o destino da literatura seja um mero suporte para vídeos e filmes?**

Não. A literatura tem seus amantes. Acho que certos livros são escritos com um olho na tela, principalmente nos EUA onde a indústria de cinema é muito forte. Esses livros são facilmente adaptáveis para o cinema e, geralmente, são baseados na ação e possuem menos trabalho psicológico.

Na medida em que uma história se transforma em best seller e vende milhões terá sempre um produtor de cinema para levá-la para as telas e fazer dinheiro. Mas também existirá uma série de livros que jamais serão adaptados, por serem impossíveis de adaptá-los e ninguém arriscará buscar o equivalente em imagens.

Há desastres de livros geniais que quando foram transpostos para o cinema ficaram péssimos. Partir de um bom livro não quer dizer um bom filme e, às vezes, livros primários podem render excelentes filmes.

**Qual a expectativa que você tinha com relação ao filme *Amor & Cia*? Como analisa o produto final?**

Quando li o *Alves e Cia*, a novela do Eça de Queiroz, que é um grande escritor realista da língua portuguesa do século 19, gostei do humor fino e sutil usado na história. Senti que aquela era uma história universal, que partia de uma situação de triângulo amoroso, ou seja, uma história clássica narrada no século 19. De certa forma a história dizia muito de nossa forma e caráter brasileiros. O caráter português falando da gente brasileira. Não se tratava de um triângulo amoroso tradicional onde a trama é resolvida tragicamente. Quase todo triângulo amoroso tem uma solução trágica. Se observarmos Nelson Rodrigues, quase todas suas tramas terminam







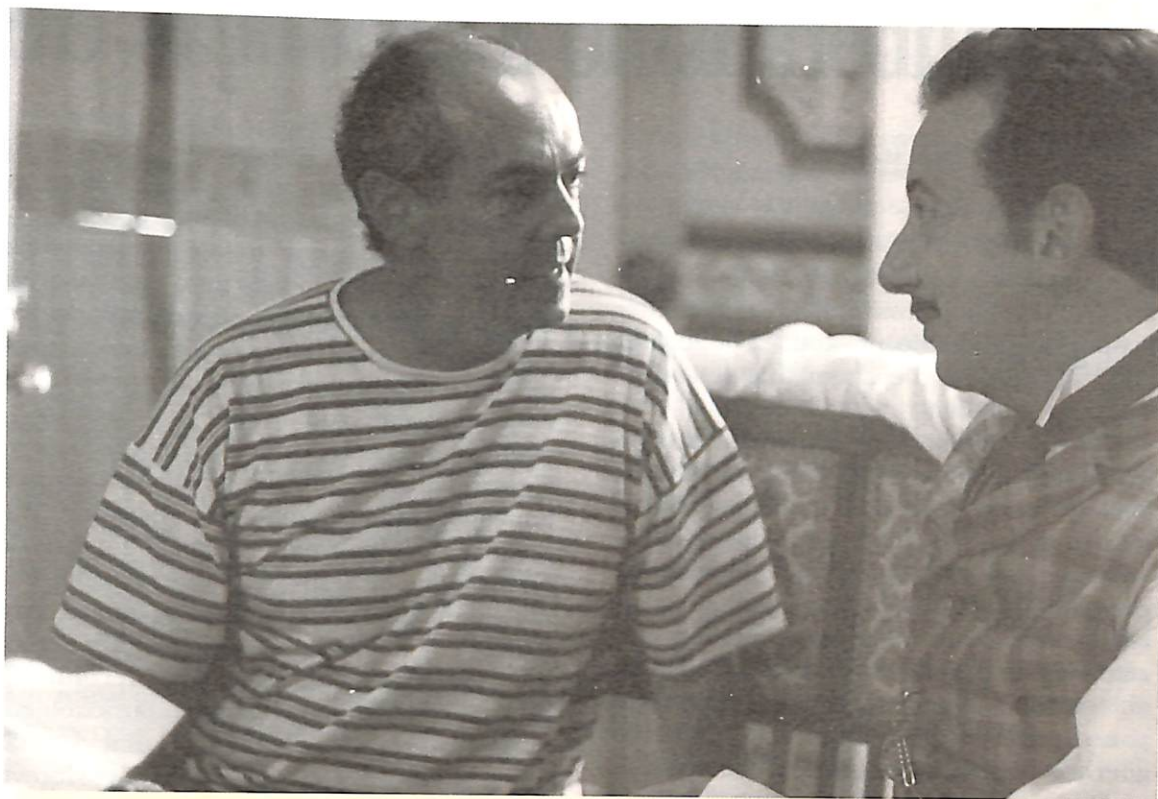
com morte. No caso de *Alves e Cia* isso não ocorre: encontramos um triângulo amoroso que termina num certo acordo. Senti nisso uma grande modernidade. Quando li a novela, percebi que poderia contar aquela história aqui, no interior brasileiro, em Minas Gerais. Principalmente por dois motivos: primeiro, a imagem era perfeitamente passível de ser narrada em São João del Rei, cidade que teve um florescimento econômico no final do século 19, e que conservava restos de ruas, consequências de sobrados e casas que poderiam ser aproveitadas para criar a ambientação. Quando se pensa em levar um livro para a tela, como já disse, é preciso pensar na possibilidade real de materializar a idéia sem muito gasto. Segundo, o aspecto psicológico: sentia uma certa relação entre o comportamento desse triângulo amoroso português com o nosso comportamento mineiro, onde as coisas acontecem por baixo do pano, não são faladas ou explicitadas. Esse texto do Eça apresentava essas características mineiras.

#### O que seria um filme psicológico?

Acho que boa parte dos filmes têm componentes psicológicos. Como já falei, no cinema as personagens se revelam pelas ações e não pelas intenções. O caráter é determinado pelos atos, como acontecem na realidade. As pessoas são julgadas pelas suas ações. É claro que no cinema pode-se transformar isso em complexidades maiores, penetrar mais profundamente na cabeça das personagens, mostrando suas dúvidas, conflitos e angústias. Há filmes que conseguem fazer isso muito bem sem se tornarem cansativos. O filme psicológico seria aquele com essa capacidade de mostrar a complexidade do ser humano: de falar da alma humana, entender nossos conflitos e contradições. Somos pessoas contraditórias, com impulsos e sentimentos diferentes. É um grande desafio sintetizar toda essa complexidade.

#### O que você acha da presença de triângulos amorosos na vida humana? São inevitáveis? São normais?

Acho que existem e fazem parte da nossa história desde que o homem existe. O ser humano, como já disse, é muito complexo. A paixão não é eterna. Os acasos e os encontros acontecem, e sempre há a possibilidade de um rompimento, uma atração ou um olhar. Isso faz parte da natureza humana, talvez parte do nosso caráter. Triângulos amorosos são uma grande fonte dramática, por colocarem as pessoas em situações de conflito, lidando com sentimentos muito fortes e primitivos que mobilizam o ser humano, como o amor, o ódio e a rejeição. Essas situações são um prato cheio para a dramaturgia pelo potencial de conflito que elas apresentam. A arte, principalmente a narrativa, vive de conflitos. A situação pacífica não gera história.



### O diretor Helvécio Rattón e o ator Marco Nanini conversam durante as filmagens de *Amor & Cia*

Por mais que mudem os tempos, os triângulos não são tema ultrapassado e a abordagem diferente do Eça de Queiroz me interessou.

#### Como é feita a transdução de uma obra artística em outra? Quais os ganhos e perdas quando se adapta uma obra literária para o cinema?

Quando você transpõe uma obra literária para o cinema, você está mudando o código e o suporte. O suporte não é mais o papel e sim uma fita. Você não lida com palavras, mas com imagens e sons. Trata-se de criar uma outra obra. Por outro lado, vai tentar criar no espectador as mesmas emoções que o escritor criou no leitor. Geralmente, quando o autor fica muito apegado ao livro, produz bons filmes. O filme se torna literário, e a literatura mal levada para o cinema é muito chata. Fica no meio do caminho. Essa é minha primeira adaptação literária.

#### Qual a sua visão do cinema nacional hoje?

É a visão de um cinema que tem se mostrado diverso e variado, com uma energia muito grande. Os filmes não apresentam uma única tendência como antigamente. Hoje se fazem filmes em várias regiões do Brasil com temas também muito variados. No meu entender a força do cinema brasileiro está na diversidade por sermos um país muito diverso. Temos fortes diferenças e desigualdades desde geográficas até culturais.

É importante que o cinema brasileiro expresse essa diversidade. Nesse sentido, o cinema

brasileiro é capaz de expor um pouco do que é o Brasil. Sinto que existem muitas pessoas com boas idéias e interessadas em fazer cinema.

#### Você é otimista em relação às perspectivas culturais, apesar de todas as dificuldades econômicas?

O cinema brasileiro está com esse pique todo, mas está um pouco ameaçado por ser uma arte muito cara. O país vive uma recessão muito forte que tende a se aprofundar, e as leis que permitem fazer cinema são baseadas em impostos e incentivo fiscal. Na medida em que as empresas têm menos lucros e menos impostos a pagar, diminuem as possibilidades de investimentos em projetos culturais. Acho que é o momento do governo intervir, como já fez em diversas áreas. Pois, o cinema é, atualmente, uma atividade estratégica no mundo. O país que não faz cinema é um país sem rosto, que não se afirma mundialmente. Falta um projeto do Estado para o cinema brasileiro. É preciso muito mais do que leis de incentivo; é preciso que se forme público, que se assista a filmes brasileiros desde pequeno nas escolas, é preciso que se amplie a possibilidade de exibição dos filmes brasileiros. Especialmente, tem que se dar condições aos filmes brasileiros de competirem em melhores condições com os filmes estrangeiros.

Helvécio Rattón estará comentando o filme *Amor & Cia* em debate no auditório do Conselho no dia 24 de março, quarta-feira, às 20h.



# Neoliberalismo e produção de Subjetividades

DEISE MANCEBO

A iniciativa deste Jornal em discutir o neoliberalismo é sobremodo fértil, num momento em que muitos dos espaços institucionais e da mídia cedem espaço a um conjunto de conceitos próprios a este ideário, privando-se de análises críticas e de proposições alternativas a este cruel rearranjo capitalista.

O neoliberalismo representa uma alternativa política, econômica, social, jurídica e cultural, para a crise econômica do mundo capitalista iniciada a partir do esgotamento do regime de acumulação *fordista*, em finais dos anos 60. Representa, portanto, uma necessidade global de restabelecimento da hegemonia burguesa, trazendo implicações não só para a vida econômica, mas também, o que é sobremodo importante para os profissionais *psi* e para as diversas relações que se estabelecem entre os homens.

O princípio básico desta orientação é o do mercado, que adquiriu pujança sem precedentes nestas últimas décadas, extravasou do econômico e procurou colonizar o próprio estado. De um modo geral, o discurso liberal atribui à presença do estado e à esfera pública todos os malefícios sociais e econômicos que presenciámos. À livre iniciativa, ao contrário, são imputadas todas as virtudes que podem conduzir à regeneração e recuperação da democracia, da economia e da sociedade (Mancebo, 1996).

Orientados sob esta lógica, os estados nacionais parecem ter perdido em parte a capacidade e, em parte, a vontade política para continuar a regular as esferas da produção (privatizações, desregulação da economia) e da reprodução social (retração das políticas sociais). No entanto, é preciso destacar que o discurso antiintervencionista, tão caro a neoconservadores e neoliberais, tenta ocultar o fato do neoliberalismo precisar de um estado que projete, operacionalize e atue, desencadeando múltiplas formas de intervenção. Deste modo, coloca-se o seguinte paradoxo: embora o neoliberalismo possa ser considerado como uma doutrina que apregoa o estado mínimo, o estado tem-se tornado mais "forte" sob as políticas neoliberais de mercado.

De modo concorrente, a vida societária e as relações entre os homens apresentam-se mais reguladas. Trata-se não apenas de criar uma nova ordem econômica e política, mas também da criação de uma nova ordem cultural através de práticas e discursos.

A transformação cultural e ideológica projetada afirma a necessidade de contar-se com um novo homem. Primeiramente, com indivíduos que introjetem o valor mercantil e as relações mercantis como padrão dominante de interpretação do mundo, reconhecendo no mercado o

âmbito em que, "naturalmente", podem – e devem – desenvolver-se como pessoas humanas.

Apregoa-se ainda uma filosofia do individualismo, segundo a qual todo comportamento humano é dominado pelo auto-interesse. No liberalismo clássico, pelo menos em uma de suas formas, havia um apelo à razão sob a forma de um individualismo que privilegiava o sujeito racional, cognoscente, como a fonte de todo conhecimento, significação, autoridade moral e ação. A variante particular dessa metanarrativa, própria ao neoliberalismo e ao neoconservadorismo, traduz-se no racionalismo econômico. Trata-se de uma espécie de individualismo, que tem por objetivo moldar a vida das pessoas como a "empresa de si mesmo". Os objetivos individuais devem ser soberanos, e isso implica reconhecer no indivíduo o juiz supremo dos próprios objetivos; os fins sociais se limitam às coincidências que se possam estabelecer entre objetivos individuais.

Da discussão anterior pode-se apreender que o postulado liberal da liberdade individual encontra-se profundamente exacerbado no ideário neoliberal, no entanto, o mesmo não se pode dizer do princípio da igualdade. Na realidade, a desigualdade dos homens é um pressuposto fundamental dessa concepção, constitui uma necessidade social, já que na acepção dos doutrinadores neoliberais a desigualdade permite o equilíbrio, a complementação de funções, fomenta a competição e, deste modo, promove o desenvolvimento. A cristalização de um modelo social fundado na dualização e na marginalidade crescente de setores cada vez mais amplos da população não é, por certo, um processo inédito e desconhecido das sociedades capitalistas. A novidade é que presentemente o caráter estruturalmente dualizado potencializa-se e o faz às claras.

Por fim, diante do estímulo neoliberal ao individualismo competitivo e ao sucesso a qualquer preço, o campo da ação intersubjetiva e sóciopolítica, como campos de abertura e realização coletiva, vai sendo destruído progressivamente. Movido pelo individualismo competitivo, pela intimização exacerbada (Sennett, 1988), pela disciplina e docilidade imposta aos corpos (Foucault, 1983), ou por todas essas dinâmicas

combinadas, o fato é que os homens "herdaram" uma microética nesta etapa da modernidade que os impede de formular e agir em prol de acontecimentos globais. Na expressão de Arendt (1980) o homem moderno está literalmente desligado do mundo, "des-interessado".

Decorrencia do "des-interesse" é que a participação nas questões que envolvem o poder, a política, a macroquestão de interesses nacionais e internacionais, o jogo entre classes e grupos étnicos, conflito de regiões, ou de religiões, se enfraquece e, deste modo, o controle e regulamentação da vida das populações, central para o projeto neoliberal em curso, flui com poucas resistências.

Sintetizando, a partir de finais dos anos 60, marco inicial do rearranjo capitalista denominado "neoliberal", assistimos, no plano político-cultural, uma constelação ideológica, em que se misturam o renascimento do mercado e do individualismo como articuladores nucleares da prática social e das relações que os homens estabelecem entre si. A idéia de mercado e as que gravitam na sua órbita (autonomia, liberdade, iniciativa privada, concorrência, mérito, lucro) têm desempenhado um papel decisivo na revalidação social e política do ideário liberal original e na concepção de indivíduo aí subjacente. Assiste-se ainda a um refinamento cada vez maior dos dispositivos disciplinares de construção das individualidades, que, sem maiores contradições, convive com construções que apregoam a autonomia liberal, entendida cada vez mais como uma eterna busca romântica de si mesmo (Mancebo, 1999). Em outros termos, vivemos uma hipertrofia liberal do princípio do mercado, acoplada a uma forte regulação disciplinar, mantidas graças a um processo de dessocialização, privatismo e narcisismo.

Deise Mancebo é Professora Adjunta do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).  
e-mail: mancebo@uerj.br

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDR, Hannah. *L'exploration de la modernité*. Juin: Esprit, 1980.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- . *Microfísica do poder*. 6.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- MANCEBO, Deise. Estratégias discursivas neoliberais: uma contribuição para a análise de suas repercussões na educação e na universidade. *Revista do Departamento de Psicologia, Universidade Federal Fluminense*, v.8, n.1, p. 11-21, jan./abr. 1996.
- . *Indivíduo e Psicologia: gênese e desenvolvimentos atuais*. In: MANCEBO, Deise, JACO-VILELA, Ana (orgs.). *Psicologia Social: abordagens sóciohistóricas e desafios contemporâneos*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. (no prelo)
- SENNETT, Richard. *O declínio do homem público*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.





# Psicanálise sem divã

A Psicanálise objetiva manter articulada uma tríplice aliança: necessidade, demanda e desejo do sujeito. Desde que este trinômio seja sustentado, não há razões para a práxis psicanalítica se circunscrever aos limites do consultório e às suas instituições. Cada vez mais observa-se a importância e a necessidade da escuta do desejo inconsciente, dentro de um espaço onde situações vitais impõem ao sujeito seu encontro com o Real. Um Real insuportável que o coloca frente à morte.

Em uma Instituição Hospitalar, a prioridade no atendimento ao paciente aponta para a cura do corpo biológico e para o alívio da dor física, valendo-se da necessária objetividade do discurso médico (científico natural). Mas o corpo traz inscrito, em si, uma história singular. O paciente traz, juntamente, com sua doença, a sua história construída de fantasias, medos, alegrias, tristezas, conquistas e perdas.

Ao fazer parte da equipe em um CTI, o psicanalista provoca, como efeito imediato e de grandes implicações, a autorização da subjetividade. Na medida em que, na equipe, há um profissional para “tratar” da vida psíquica do paciente e da sua família, esse aspecto, a subjetividade, pode emergir com todo o direito. E, a partir daí, uma escuta diferente traz como consequência uma comunicação também diferente. A explicação é da psicanalista Marisa Decat de Moura, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar e coordenadora do Departamento de Psicologia e Psicanálise do Hospital Mater Dei. Desde que a tecnologia e o saber científico não respondem tudo, o psicanalista é convidado a entrar em cena a partir de uma demanda de inclusão da subjetividade, mas longe de pretender responder a todas as questões. “Não somos proprietários da subjetividade, mas delimitamos uma especificidade ao lidar com questões subjetivas. Nosso referencial teórico permite uma compreensão da estrutura psíquica dos pacientes e da dinâmica de sua família para a atuação terapêutica necessária”, avalia Decat.

Ao observar o trabalho realizado no Hospital Mater Dei, Marisa Decat delineia uma questão delicada: o trabalho em equipe. “Tem ficado cada vez mais claro que, no trabalho conjunto, o profissional precisa ser competente no seu saber para, conseqüentemente, ser humilde e aceitar o lugar do saber diferente”, diz a psicanalista.

Além do trabalho em equipe, que diferencia o psicólogo atuante no hospital geral daquele que atende no consultório particular, há outros diferenciais. Assim, apesar da escuta dos fenômenos inconscientes ser a mesma, há particularidades relativas ao *setting*. No consultório o divã, o isolamento, a permanência de horários, a postura do psicanalista e o seu manejo da técnica vão

criando significados. O trabalho do psicanalista em um hospital geral não tem a assepsia do *setting* convencional. O psicanalista atende de pé, ao lado do leito, na enfermaria, nos corredores, diante de membros da família ou da equipe. Desse modo, a especificidade do trabalho do psicanalista na instituição diz respeito, também, às relações estabelecidas entre o paciente, sua família e a equipe médica. Enquanto no consultório o grupo familiar se presentifica como fantasma, no hospital ele ganha concreticidade. “Diante do impacto da internação as famílias se desorganizam. Já que consideramos a família fazendo ‘parte’ do paciente pela situação de dependência, achamos essencial que essa desorganização não seja objetivada no abandono no corredor. Em nossa experiência, a partir do vínculo transferencial estabelecido, a família pode retornar buscando um espaço para elaborar suas perdas”, conclui Decat.

De acordo com Mônica Lima, psicóloga do Hospital das Clínicas, “no consultório, a demanda vem do cliente, ele bate à nossa porta, diferentemente do que acontece no hospital onde estamos à disposição dele como parte da instituição. No hospital o cliente ainda tem seu corpo exposto e dolorido. Eu ofereço o atendimento e só há análise se houver uma demanda espontânea do paciente”, afirma.

O encaminhamento de tratamento psicológico inadequado ou, feito por um profissional mal preparado, pode causar danos definitivos ao paciente. Daí a necessidade de uma postura flexível do psicanalista. Ele jamais poderá se prender aos padrões convencionais e terá que adequar sua ação de modo efetivo às necessidades da situação emergente.

A prática da Psicologia Hospitalar começou timidamente, sem uma interlocução formal, ou seja, a partir da necessidade das equipes dentro dos hospitais. Atualmente, ela se constitui numa clínica específica e num mercado de trabalho amplo.

No Hospital Mater Dei o trabalho iniciou-se com gestantes. Logo, vários outros setores começaram a solicitar o atendimento psicológico. Mas a inserção ocorreu, de fato, nos CTIs – Centro de Tratamento Intensivo. “Penso que a intensa vivência de angústias e incertezas que as famílias sofrem, nesses casos, foram motivos da demanda do nosso trabalho”, diz Decat.

Este é, definitivamente, um campo de trabalho onde se requer a presença de um psicólogo. Oficialmente, três áreas já priorizam o atendimento psicológico dentro dos hospitais: nos CTIs, na oncologia e em casos de maternidade de risco. “Geralmente, a solicitação de atendimento é feita através de interconsultas, nos CTIs e nos ambulatórios. Mas o objetivo da Psicologia Hospitalar é trabalhar durante a internação do paciente”, explica a psicanalista Elaine Maria do Carmo Dias de Souza, chefe do Serviço de psicologia hospitalar do Hospital Militar. No Hospital Militar funciona, ainda o SAS – Serviço de Assistência à Saúde – que executa um trabalho psicológico junto à enfermagem e à administração.

No Hospital das Clínicas há um acompanhamento psicológico também nos casos de obesidade mórbida. A psicanalista Emma Eliza Carneiro de Castro, coordenadora do Departamento de Psicologia do Hospital explica que, nesses casos, o acompanhamento se inicia com a chegada do paciente, depois há uma preparação nos casos de cirurgia e o atendimento continua no pós-operatório.

Até dezembro de 1998, o Departamento de Psicologia do Hospital funcionava junto à psiquiatria. Hoje, existe uma coordenadoria independente, vinculada ao Departamento de Psicologia da UFMG.

Atualmente existem vários cursos de extensão e especialização em Psicologia Hospitalar. Em Belo Horizonte, há um curso de pós-graduação na FUMEC e outro na PUC, este articulado com o Hospital Odilon Behrens.

Em 1990, iniciou-se no Hospital Mater Dei um curso de extensão que funcionava como um pequeno estágio no hospital. Agora ele está ampliado e contamos com pessoas não pertencentes ao *staff* do hospital. Em outubro de 1983, em São Paulo, aconteceu o I Encontro Nacional de Psicólogos da área hospitalar. Foi uma iniciativa do INCOR – Instituto do Coração de São Paulo, sob a direção da Dr<sup>a</sup> Bellkiss Wilma Romano. Esse encontro permanece acontecendo de dois em dois anos.

Há seis anos tiveram início os Congressos Brasileiros de Psicologia Hospitalar, que também têm periodicidade bi-anual, e o 3º Congresso Brasileiro de Psicologia Hospitalar, realizado há dois anos, foi sediado em Belo Horizonte. Em junho de 1997 surgiu a necessidade de se fundar a Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar; trata-se de uma iniciativa sem fins lucrativos, já que os congressos são todos particulares. O I Congresso da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar foi no Guarujá, São Paulo. Em agosto de 1999 a realização do Congresso da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar será em Belo Horizonte.





# O Conselho Responde:

Esta coluna tem o objetivo de responder a questões pertinentes ao exercício profissional, que surtem e que nem sempre lembramos de buscar alguma ajuda ou orientação no Conselho. Então estaremos, a partir desse número, publicando respostas às perguntas mais frequentes que chegam ao CRP-04.

Escolhemos como ponto de partida para a inauguração dessa coluna a apresentação dos serviços e profissionais que trabalham na sede do CRP-04. Hoje o Conselho conta com:

- Equipe Administrativa;
- Equipe Técnica;
- Câmaras de Trabalho;
- Diretoria.

Na Equipe Administrativa você busca soluções para questões relacionadas a inscrições, transferências, suspensão de registro, cancelamento, registros de pessoas jurídicas, 2ª via da carteira de identidade profissional, solicitação de mala-direta, pagamentos, atualização de dados, etc.

A Equipe Técnica está a disposição dos psicólogos e da comunidade para atender às questões pertinentes ao exercício profissional, orientar quanto ao Código de Ética Profissional, visitar as pessoas jurídicas prestadoras de serviços de Psicologia, e manter a categoria sempre atualizada quanto a legislação vigente, visando responder ou buscar respostas. Para isso ela conta com 6 psicólogos, sendo 1 Coordenador, 4 Técnicos em Belo Horizonte, atendendo a toda Minas Gerais e 1 Técnica em Vitória, atendendo ao Espírito Santo.

Existem ainda algumas questões que merecem uma discussão mais ampla, pois dizem de certos impasses ou controvérsias, que exigem uma maior reflexão, sendo então trabalhadas ou respondidas pelas Câmaras de trabalho permanentes. Existem duas Câmaras obrigatórias e que, sendo as questões nelas tratadas de caráter estritamente confidencial, não são abertas à participação de outros profissionais, a não ser quando convidados, tendo sempre um Conselheiro como presidente. São elas:

**1) Câmara de Orientação e Fiscalização:** Como o próprio nome diz, sua função é o trabalho de orientação e fiscalização relacionada à profissão de psicologia e suas interfaces, sendo ela composta por 3 Conselheiros e pela equipe técnica;

**2) Câmara de Ética Profissional:** Esta Câmara é o órgão oficial para o encaminhamento de representações feitas contra psicólogos. Ela trata da questão da ética profissional, estudando e dando o encaminhamento adequado a denúncias de infração ao Código de Ética. Dela participam também 3 Conselheiros, um Assessor Jurídico e a Equipe Técnica, como convidada.

Existem ainda as Câmaras que têm um trabalho voltado para assuntos ou áreas específicas. Todas elas têm, como presidente, um Conselheiro e, como convidados, psicólogos que se interessem pelos temas específicos de cada Câmara. Atualmente as Câmaras em funcionamento são:

**1. Câmara de Psicólogos da Saúde:** Trata das questões relacionadas à inserção do psicólogo nos serviços de saúde pública e na área clínica em geral;

**2. Câmara de Psicólogos da Educação:** Trata das questões pertinentes ao psicólogo inserido na área educacional;

**3. Câmara de Formação Profissional:** Reativada na atual gestão, tem o objetivo de buscar um parceria com as agências formadoras no que concerne a formação do futuro profissional;

**4. Câmara de Comunicação Social:** Produz, organiza e seleciona as publicações direcionadas aos psicólogos, inclusive este jornal;

**5. Câmara de Avaliação Psicológica:** Também formada na atual gestão, vem promovendo estudos e discutindo questões relacionadas a esse tema, com o objetivo de esclarecer melhor aos psicólogos e à comunidade quanto a utilização dos procedimentos envolvidos num processo de avaliação psicológica.

Temos ainda Comissões de trabalho, que têm um caráter temporário, com o objetivo de tratar de um tema específico para se chegar a um posicionamento final. Hoje existe a Comissão de Psicologia do Trânsito que tem discutido o novo Código de Trânsito, e os desdobramentos que ele refletirá no trabalho dos psicólogos, que executam atividades de avaliação psicológica para habilitação de motorista, estudos e pesquisas relacionadas à psicologia do trânsito. Esse grupo de trabalho será transformado em uma nova Câmara do CRP-04.

A Diretoria, composta por 1 Presidente, 1 Vice-Presidente, 1 Tesoureiro e 1 Secretária, tem como função representar o Conselho Regional de Psicologia junto à sociedade, bem como dirigir esse órgão de acordo com os objetivos deste, e com as políticas definidas pelo Plenário.

Assim, todos esses órgãos trabalham com o objetivo comum de orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício da profissão de psicologia, zelando pela fiel observância dos princípios éticos e contribuindo para o desenvolvimento da psicologia enquanto ciência e profissão.

Sucintamente, este é o Conselho Regional de Psicologia - 4ª Região. Estamos à disposição pelo telefone 213-6767, ou pessoalmente à rua Timbiras, 1532 - 6º andar. Contamos com seu contato e com sua visita. E lembramos que será a partir de suas questões que esta coluna será produzida.

E como primeira questão a ser respondida, devido ao grande número de psicólogos que nos procuraram com essa dúvida, é que vamos responder a seguinte pergunta:

## O psicólogo é obrigado a dar devolução aos candidatos nos exames psicotécnicos?

Ao se realizar uma avaliação psicológica, para selecionar candidatos concorrentes a um cargo em uma empresa, ou em uma instituição pública, deve-se considerar que o processo seletivo é bem mais amplo do que possa parecer num primeiro momento. O objetivo é vislumbrar novas possibilidades do potencial do candidato, indo além do senso comum.

Vários aspectos devem ser considerados. Entre eles destaca-se o que diz respeito às características de personalidade e à sua dinâmica dentro da história pessoal do candidato, e levando-se em conta a demanda da empresa. A Psicologia embasa teoricamente e oferece recursos técnicos científicos para o alcance desse objetivo. Além da teoria e das técnicas, o exercício da Psicologia é regido por um código de ética.

Assim, quando o código de ética lembra que é dever do psicólogo: "dar à(s) pessoa(s) atendida(s) ou, no caso de incapacidade dessa(s), a quem de direito, informações concernentes ao trabalho a ser realizado", refere-se também à situação da seleção de pessoal. É direito do candidato ser informado a respeito do trabalho que irá se realizar assim como também do resultado do processo. Obter informações sobre o que vai ocorrer, por certo, não irá eliminar os efeitos da apreensão inerente à situação, mas colabora para minimizá-los. Essas informações tão óbvias no processo de seleção são na verdade motivos de questionamentos por parte dos que são submetidos ao processo, e até mesmo pelos que o fazem.

No processo seletivo, via de regra, estão envolvidos, num solicitante da avaliação (clínica, empresa ou outra instituição), o psicólogo e o avaltado. Este último tem o direito de receber do psicólogo as informações que tenham sido encaminhadas ao solicitante, pois há uma necessidade surgida na situação de seleção de orientar o avaltado a respeito do resultado da avaliação.

Muitas vezes o que acontece é que o psicólogo, por excesso de zelo ou por uma certa dificuldade no manejo da entrevista de devolução, se perde. Para minimizar essa dificuldade o psicólogo deve primar pela clareza e objetividade na sua devolução, utilizando uma linguagem acessível, contextualizando o candidato na sua história.

É dever do psicólogo reconhecer que o processo seletivo não se conclui no resultado apresentado ao solicitante, mas fundamentalmente no compromisso ético com o candidato.



## ENEP DISCUTE ÉTICA E FORMAÇÃO

Belo Horizonte foi palco do XVI Encontro Nacional de Estudantes de Psicologia – ENEP –, realizado no período de 17 a 24 de janeiro na Universidade Federal de Minas Gerais e no Unicentro Newton Paiva. A importância do ENEP se expressa nos vários setores profissionais – escolar, clínica, organizacional, saúde, comunidade, esporte –, motivando os acadêmicos a trocas de conhecimentos e experiências. É um momento de enriquecimento da formação acadêmica e humana de estudantes, profissionais e cidadãos, a partir do intercâmbio com estudiosos da Psicologia e de outras áreas de conhecimento. A estudante de Psicologia da UFMG Alane Michelini de Moura, membro da executiva, gestão 97/98, e uma das coordenadoras do XVI ENEP explica que o objetivo desses encontros é discutir tanto a formação quanto a atuação do psicólogo, tendo sempre como enfoque a mobilização estudantil.

Com a responsabilidade de contribuir para o aumento da qualidade de ensino das Faculdades e Universidades e aprofundar nas questões que permeiam a profissão, o ENEP busca debater assuntos atuais e polêmicos da real conjuntura, em que se encontra o país diante de medidas que afetam diretamente a formação de profissionais para a sociedade.

Este ano o tema do Encontro – Consciência com Ciência – surgiu da necessidade de buscar discutir questões como ética, política, interfaces e formação do futuro profissional psicólogo. Esses intercâmbios foram possíveis através de mesas redondas, debates, palestras, *workshops* e eventos culturais.

Dentro da programação cultural, alguns momentos polêmicos foram destacados como a mesa redonda que discutiu a Formação Prática, com a participação da Comissão Especialista do MEC. Segundo a estudante Alane Michelini, um ponto que rendeu muita discussão foi a reforma curricular. “A comissão defendia a especialização do curso de Psicologia, mas a proposta foi repudiada por todos nós, estudantes. Foi muito interessante também ouvir, de uma profissional recém formada, sobre a realidade do mercado de trabalho”, lembrou ela.

A programação contou ainda com palestras de nomes conhecidos como o do psicanalista Gregório Barem Blitt, sobre Transdisciplinariedade, Arte e Política; do psicólogo William Castilho, sobre Os Movimentos Sociais e as Artes de Concentração de Trabalho do Profissional Psicólogo.

Nas interfaces, as áreas abordadas foram Psicologia Hospitalar, Psicologia Organizacional e Psicopedagogia. Foi apresentado também um teatro seguido por uma palestra sobre ética, do psicanalista e professor Lúcio Marzagão, além de uma variada programação cultural.

A novidade esse ano foi a apresentação e divulgação, organizada em anais, das produções acadêmicas, minicursos e palestras apresentadas durante o evento.

Além da diversificada parte científica, o Encontro se caracterizou pelo forte caráter político. Na opinião de Leonardo Pimenta Costa, representante do DA transitório da PUC, dentre os CONEP's – Conselho Nacional de Entidades de Psicologia – realizados durante o encontro, o mais produtivo foi aquele em que os representantes de CA's e DA's discutiram à exaustão propostas de estatuto. “Chegamos à conclusão de que não havia opiniões e posturas maduras para o estatuto e, então, resolvemos postergar o debate”, avaliou Leonardo.

Depois as discussões se concentraram na identidade do Movimento Estudantil e do seu relacionamento com a base. Mas conclusões nada animadoras foram tiradas desse debate. “O movimento encontra-se afastado dos estudantes por inexistência de representações em alguns lugares ou por falta de interesse dos próprios estudantes”, lamentou Leonardo.

Segundo a estudante da Newton Paiva, Janaína Artemis do Carmo, a própria psicologia propicia uma desunião, pela sua diversidade tanto prática quanto teórica.

## Movimento Antimanicomial tem ganho no Senado

A recente vitória do Movimento Antimanicomial, com aprovação pelo Senado, em convocação extraordinária no dia 21 de janeiro, do projeto de lei nº 8 de 1991, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos psíquicos, redireciona o modelo assistencial em saúde mental no Brasil, mas ainda não é motivo para muita comemoração. A proposta do Movimento é a extinção progressiva dos hospitais psiquiátricos e a substituição da internação psiquiátrica por tratamentos substitutivos, já que o movimento entende que o verdadeiro interesse pela manutenção dos hospitais psiquiátricos é financeiro.

O projeto do deputado federal Paulo Delgado (PT-MG), aprovado no Senado com substitutivos do ex-senador Lucídio Portela (PPB-PI) e do senador Sebastião Rocha (PDT-AM), foi fruto de um acordo entre o Movimento Antimanicomial e o Departamento de Psiquiatria da Federação Brasileira de Hospitais, e diz respeito a uma luta iniciada há dez anos pela desospitalização psiquiátrica.

Entre outros itens, a lei assegura a proteção das pessoas acometidas de transtorno psíquico determina que tenham acesso ao melhor tratamento do sistema de saúde, que sejam tratadas em ambientes terapêuticos protegidos contra qualquer forma de abuso e exploração, com atendimento preferencial em serviços comunitários de saúde mental.

De acordo com a psicóloga Marta Elizabeth de Souza, coordenadora do Serviço de Saúde Mental de Betim, apenas dois artigos serão rediscutidos na Câmara. O artigo 4º que trata da construção de novos hospitais psiquiátricos sob a aprovação pelas comissões intergestoras e de controle social dos três níveis de gestão do Sistema Único de Saúde – SUS, os parágrafos 2º e 3º do artigo 5º, que defendem a internação em hospitais psiquiátricos. O Movimento Antimanicomial discorda no que diz respeito a característica asilar. “Apesar dessas duas restrições, tivemos muitos ganhos. Foi um avanço ter feito com que a Federação Brasileira dos Hospitais reconhecesse que os doentes mentais têm direitos”, declara Marta Elizabeth.

A psicóloga defende, também, um deslocamento do investimento. Segundo ela, os gastos anuais nessa área chegam a R\$ 370 milhões. “É preciso que o Ministério da Saúde reverta esse investimento financeiro gasto nos tratamentos tradicionais para os tratamentos substitutivos, que reintegram os portadores de transtornos mentais à vida social e cultural”, aponta.

### Enquanto isso, em Salvador...

Sob o sol de 40º da Bahia de Todos os Santos, trabalhadores de ensino e pesquisa em Saúde Mental, ligados ao Movimento Nacional da Luta Antimanicomial, reuniram-se de 04 a 06 de fevereiro, com o objetivo de avaliar e discutir os processos de formação, pesquisa e transmissão no campo da saúde mental. Tarefa complexa que abrange desde questões referentes às diversas orientações teóricas presentes no interior do movimento (ou mesmo a ausência destas), até dificuldades e impasses entre agentes formadores e serviços assistenciais orientados pela lógica não manicomial.

O I Seminário de Ensino e Pesquisa em Saúde Mental mostrou-se produtivo e inédito na perspectiva de formulação de estratégias de intervenção, nos espaços de formação universitários e/ou informais, com o intuito de produzir conhecimentos que viabilizem a capacitação de profissionais comprometidos com a prática do novo modelo de atenção em saúde mental.

Esperamos que evento de tal ordem e importância traga desdobramentos. Estaremos atentos para anunciá-los.

Ronaldo Zenha e Andrea Milagres, de Salvador.





# Atendimento psicológico via Internet

**SIM**

Na era da informática novas tecnologias forçam as fronteiras do atendimento tradicional. A realidade virtual já está sendo usada no tratamento de pacientes com fobias. Softwares assistentes terapêuticos são utilizados com ou sem a presença de um psicólogo<sup>1</sup>. Porém é a Internet que se destaca como o grande acontecimento do final do século, determinando a modificação de antigos paradigmas, obrigando a incorporação da noção de virtualidades a conceitos como tempo e espaço, e configurando um cenário no qual podem ocorrer novos tipos de intervenção psicológica.

Além das listas de auto-ajuda e dos newsgroups da Usenet, encontramos as homepages especializadas em saúde mental<sup>3</sup>. A consulta psicológica nada mais é do que um desdobramento interativo destas páginas. Seu diferencial está na interatividade e na especificidade da resposta. A pergunta, encaminhada através de formulários, é respondida posteriormente pelo psicólogo. Em alguns sites, elas são gratuitas e permanentes; em outros, cobra-se uma taxa. A consulta não envolve maiores vínculos emocionais. Na verdade, "consultas informais" já acontecem através da participação do psicólogo em listas de discussão, em chats (IRCs, MOOs, e MUDs, ou ICQs). Por isso sua formalização em homepages bem cuidadas não cria tanta polêmica. O problema se instala quando existe um interesse pela continuação do vínculo. Neste terreno, entretanto, os psicólogos se movem com muita mais cautela, visto que esta geografia é ainda bastante desconhecida. No entanto, alguns pioneiros já assumem que essa prática é, de fato, uma forma de psicoterapia.

Acho importante a prática do psicólogo avançar na direção da Internet. No entanto, antes de se constituir em território, penso que o mundo virtual precisa ser melhor desbravado. Não vejo a psicoterapia virtual como substituta implacável e definitiva dos atendimentos reais. Penso nessa prática como um espaço diferente, que pode tanto ser em outro espaço terapêutico, a ciberterapia compreende semelhanças e diferenças que precisam ser melhor definidas. Para isso acho profundamente necessário ampliar a discussão sobre as práticas virtuais, organizando uma adequada fundamentação teórica, e gerando pesquisas que possam apreender a real eficácia dessas intervenções.

As designações dessa prática são diversas: psicoterapia on-line, terapia on-line, terapia virtual, terapia por e-mail, terapia de grupo on-line, ciberterapia, terapia eletrônica, tele-terapia, vídeo-terapia. Por mim, prefiro o termo

psicoterapia virtual, fácil de se associar com a idéia de uma potência maquínica capaz de gerar intensidades bastante reais.

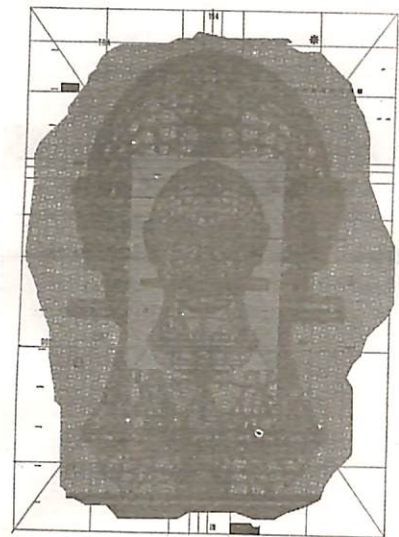
Contornando certas dificuldades, a terapia on-line facilita o acesso a pessoas idosas ou com deficiência físicas, para quem viaja constantemente, ou a quem, por circunstâncias de moradia ou trabalho, tem que permanecer isolado em regiões distantes. Aliadas a um preço mais acessível, essas razões constituem motivo suficiente para olharmos de forma mais compreensiva para essa prática. Por isto a cada dia surgem novos terapeutas virtuais, abrem-se novas ciberclínicas, e ampliam-se as faixas da tele-intervenção psicológica. Em determinados sites já se constituíram até filas de espera virtuais.

Respondendo a algumas objeções, deixo de lado questões também pertinentes, como o problema da confidencialidade, dos atendimentos a casos graves, da ausência de um treinamento adequado para as intervenções virtuais, e da necessidade de teorias e técnicas que possam dar conta desta nova paisagem, virtual e multimídia.

Quem afirma ser impossível uma relação terapêutica fora do encontro face-a-face no aqui-e-agora, no mínimo desconhece o funcionamento da Internet, onde grande parte das interações acontecem em tempo real. Por outro lado, alguns colegas acham impossível trabalhar com emoções e sentimentos através de palavras meramente digitalizadas; afirmam que fenômenos transferenciais só ocorreriam em encontros reais e nunca a partir de um texto, lido e escrito à distância dos interlocutores. Bem, penso que muitos poetas e romancistas tremariam diante destas afirmações.

No espaço virtual de um romance, somos inteiramente tomados pelas palavras que o autor carrega com suas emoções. O envolvimento pode ser denso a ponto de provocar risos – ou choros. Mesmo sem o recurso dos smyles ou emotions, tanto em um romance como na constância de

uma correspondência, a cena escrita tem poder para expressar e produzir intensos sentimentos. Afinal, os vínculos subjetivos são organizados internamente e independem da presença das pessoas. Os psicanalistas costumam achar este caráter transferencial das correspondências, lembrando-se do que ocorreu entre Freud e Fliess. De fato, a transferência pode ocorrer em diversos outros espaços, além da sala de terapia. Senão como explicar as flâmes das listas de discussão? Trechos de uma carta, interpretados pelos fantasmas de um usuário, podem dar início a um combate raivoso – ao qual a maioria da lista assiste atônita, sem entender o motivo de tamanha ira.



Uma crítica mais consistente é a limitação dos e-mails, e inclusive dos chats, em relação à observação de pistas não verbais, tão importantes na decodificação correta do discurso. De fato, num atendimento real, os padrões não verbais são importantes indicadores para a compreensão dos reais sentimentos e emoções da pessoa. Sua ausência pode levar a falsas avaliações diagnósticas sobre o humor e estado de ânimo; principalmente porque são poucos os psicólogos treinados na análise do estilo do texto. No entanto, apesar da popularidade do correio eletrônico, outras tecnologias, como chats, e-phone, vídeo-fone e tele-conferência, instrumentalizam melhor o terapeuta on-line.

No e-mail existe uma censura secundária, pois aquilo que é dito pode ser melhor elaborado. Porém nos chats, onde o diálogo acontece no aqui-e-agora virtual, a censura ao comunicado é menor; além disso, o tempo de latência já informa sobre o estado de ânimo e outras características da personalidade. Os softwares, que constituem telefones virtuais, já permitem analisar se o modo de falar é lento ou muito rápido, se o tom da voz está alto ou baixo, se a entonação é monótona ou vibrante e cheia de inflexões. Finalmente, com





os vídeos-fones, podemos capturar a imagem dos vídeos-fones, podemos capturar a imagem dos pacientes, resgatando as observações da expressão fisionômica e da postura corporal. Embora mais raras, já encontramos algumas propostas de terapia através de tele-conferências que, usando a tecnologia do CU-See-Me, permitem imagens maiores ou mais nítidas. O futuro só tende a refinar a captura dos discursos não verbais. Portanto as práticas das terapias verbais via Internet não são um sonho impossível.

Se esta intervenção on-line é tão eficaz quanto a psicoterapia de consultório ainda é muito cedo para saber. Apesar de encontrarmos depoimentos entusiasmados de ex-pacientes virtuais<sup>3</sup>, não acho que essa prática possa ser desenvolvida por todos os psicólogos, ou dirigidas para qualquer pessoa. Terapeuta e paciente precisam possuir habilidades específicas e se sentir confortáveis nestas interações virtuais. A ciberterapia se constitui, sem dúvida, em um processo terapêutico, que pode ser usada por alguns psicólogos, para auxiliar algumas pessoas em alguns tipos de dificuldades e problemas. E, se para algumas pessoas, esta pode ser a única forma possível de terapia, para outras, essa prévia terapêutica pode ser a porta de entrada para um atendimento face-a-face.

Embora compartilhando objetivos comuns, a psicoterapia tradicional e a terapia virtual diferem em uma multiplicidade de aspectos. Precisamos demarcar essas diferenças e semelhanças, definindo as especialidades de cada uma delas, até para poder construir novas estratégias de atendimento; precisamos aprender a lidar com este novo personagem que é o paciente virtual; precisamos redefinir os parâmetros de antigos settings, de forma a incorporar o espaço e o tempo desta cena virtual, com seus recantos maravilhosos e suas complicadas armadilhas. Porém devemos, sobretudo, pensar em um novo estilo de intervenção, multimídia e desterritorializante, fato que poderia potencializar ainda mais a força de nossa intervenção terapêutica no plano do virtual.

Elza Rocha Pinto é professora do Instituto de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.  
Endereço eletrônico: erpinto@acd.ufrj.br  
emrp@airnet.com.br; <http://info.lacc.br/paypage>.

1. Ver a este propósito Psicologia e Informatização, artigo que apresentei no PsicolInfo, encontro organizado pelo CFP em 1998.
1. Mental Health Net (<http://www.cmhc.com>) ou Dr. John Grohol (<http://www.grohol.com>).
3. Ver Metanóia, por exemplo, em <http://www.metanoia.org>.

**NÃO**

A adoção de uma tecnologia emergente não pode ser justificada apenas, de modo tecnológico, em função de sua existência e disponibilidade. Muito menos pelo afã de parecer moderno e atualizado... A sua incorporação deve significar necessariamente um ganho para os processos em questão, seja por sua qualidade, seja por sua eficiência e/ou produtividade.

A utilização da mediação dos recursos da “telemática” para o atendimento psicológico “on line” ainda não demonstraram responder a esses requisitos para se justificarem. Por outro lado, o atual estágio de seu desenvolvimento colocam alguns riscos para os profissionais e consumidores que nos fazem questionar a sua utilização. Tal estado de coisas recomenda um posicionamento de curiosidade e de cautela para a sua adoção enquanto instrumental da prática psicoterapêutica.

A natureza complexa e delicada dos relacionamentos psicoterapêuticos, independentemente da teoria que os informa, exige um grau de desapropriação recíproca dos movimentos e performances de “atendente” e “atendidos” que, mesmo as promessas colocadas pelos sistemas de transmissão de imagem/voz, ainda não são capazes de responder satisfatoriamente.

É ingênua a interpretação de que tal condição seria vantajosa por favorecer a uma diminuição das “resistências”, em função da distância física e da mediação tecnológica representada pelo computador, na relação terapeuta-cliente. Mais do que uma decorência teórica é fruto da experiência comum entre os psicoterapeutas de que certas “facili-

dades” representam exatamente o contrário: a afirmação de um impedimento ao trabalho psicológico.

Também é preocupante o fato de que o regime de liberdade e descontrole, desejáveis e inerentes à própria concepção da Internet, dificulte a publicidade e o controle social sobre a prática profissional dos “ciberpsicoterapeutas”, potencializando os riscos das fraudes e das violações éticas.

Tal situação é agravada quando consideramos a péssima qualidade dos serviços da telefonia nacional, vulnerável ao ponto do grampeamento recente dos telefones das mais importantes autoridades da República. Como garantir o sigilo e a privacidade nessas condições? Como garantir regularidade num “sistema” que está constantemente saindo fora do ar?

Por fim, um critério da prática: uma rápida passeada pela meia dúzia de sites nacionais, que andam oferecendo comercialmente serviços de atendimento psicológico pela Internet, evidenciam com espantosa clareza o caráter banal inconsistente e oportunista dessas ofertas. Coisa de motivar a interveniência imediata dos nossos conselhos!

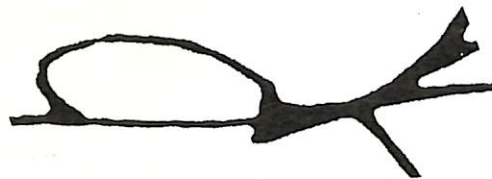
Como aprendemos com Foucault no *Nascimento da Clínica*, uma das características fundantes da noção moderna da clínica é exatamente a exigência de que todos os afazeres e instrumentais do “cuidado” resultem e se justifiquem a partir de um saber positivo acerca deste objeto do cuidado, definidor da sua capacidade de interferir positivamente nas situações abordadas. Em relação a utilização da Internet como instrumento do cuidado psicoterapêutico, estamos ainda engatinhando...

O momento recomenda, portanto, mais pesquisas e menos marketing.

É preciso fazer avançar no conhecimento sobre as reais potencialidades dessas formas de comunicação e sua efetividade, antes de arvorá-las à condição de futuro inexorável do trabalho psicoterapêutico. É preciso incentivar a pesquisa e criar mecanismos de contenção para o “oportunismo tecnológico”.

Marcus Vinicius de O. Silva é professor do departamento de Psicologia da UFBA, ex-secretário do CFP e coordenador do I PsicolInfo - I Seminário Nacional da Psicologia e Informática.





# "O livro de cabeceira"

CÉLIO GARCIA

Quais são para o pensamento os efeitos de tal filme? O filme nos faz visitar uma idéia. Cada elemento do filme será convocado em função de uma idéia, por mais impura que ela seja. Impureza que advém do próprio meio que é o cinema, sempre reduzido a montagens e tomadas (*prises de vue*). *Traumfabrik* (fábrica de sonhos) dizem os alemães.

Primeira idéia:

## Tatuagem ou caligrafia?

A tatuagem é permanente; a caligrafia é efêmera.

A tatuagem em questão é essa mesma que recobre o corpo de jovens na praia. É agora em setembro, antes da temporada na praia, que eles procuram cravar um emblema no corpo.

Estranhamente é moda que marca para sempre. É estranho, pois em princípio a moda é passageira; aqui não, jovens ansiosos por se afirmar aderem a essa mania milenar e conservadora.

Milenar já que conhecida há muito tempo; conservadora pelo estereótipo que ela carrega na busca de uma identidade. Tanto assim é, que a reclamação surge na hora da retirada; só raio laser apaga o golfinho na perna da moça quando o pai deu uma bronca, ou o namorado careta mudou de idéia.

Cada signo nos remete a um significado; cada um pertence a uma tribo. Tudo bem. Pessoal da periferia que chega por outras travessias aos mesmos objetos oferecidos no mercado, certamente em avançado estado de globalização, já havia estabelecido que cada um traz a marca do seu grupo. Nos muros, nas paredes, nos monumentos, as inscrições, tatuagem pichada, também deixam as marcas. Banhistas com seus corpos jovens, pichadores com seus peitos tatuados, não fogem do modelo: "é para sempre", "o outro grupo é inimigo".

Há entre esses chamados assim pixadores, artistas, alguns identificados e reconhecidos, como esse genial Basquiat.

Estes nos lembram que a tatuagem também é costume milenar, já quando marinheiros se deixavam gravar no corpo sereias e monstros que só eles haviam visto, em viagens no balanço do alto mar.

Prova de que o tempo passou, mas não as lembranças do tempo no corpo. As sereias, eles as tinham visto, quando nos braços delas pensavam em dormir nos portos, os monstros os freqüentavam quando na solidão do mar.

Mas existe outra coisa. É a caligrafia escrita no corpo desses homens, ou dela mesmo, quando o pai calígrafo como um artista japonês enfeitava

sua face por ocasião do aniversário. Seis anos, sete anos, oito anos, cada ano um ideograma japonês, acompanhado de leitura do livro de cabeceira do amor; depois, jovem adulta, procurava a todo custo amante calígrafo para que nela se escrevesse o amor.

Nesse filme rodado no Japão, *O livro de cabeceira*, imagem e texto, caligrafia que desliza sobre a pele, parecem copular; sexo e texto se misturam. Por isso dizia, a tatuagem é permanente, a caligrafia é efêmera. E a pele dela era palimpsesto sobre o qual deveria se escrever o amor por ela; depois, a caligrafia veio a ser o amor de escrever na pele dos homens, que porventura até ela chegassem.

Tão diferente da nossa moda a ser exibida em breve nas praias! Tão diferente e tão próximo, pois é susceptível de apontar para nossa maneira tão decaída de usar os sinais, os signos. E depois, a tatuagem foi o que tentou imitar, entre nós, essa esplêndida escrita nos corpos, que nos é mostrada no filme quando se misturam texto e imagem, palavras e sexo.

A menos, que os nossos jovens tatuados já não soubessem decifrar o que cada signo significou, e uma doutrina mística tivesse sido escrita em cada corpo desnudo e, no ataúde que os acolhesse enfim, fossem gravadas na mesma ocasião as marcas indelévels, para sempre impressas na madeira com a qual foram construídas, levando para sempre agora aquilo de que já não se sabia sobre o amor.

O filme não cessava de me acompanhar, nas ruas, no meu trabalho, na minha intimidade, quando me ocorreu uma...

Segunda Idéia:

## Casanova para o corpo e as palavras.

Este ano estamos comemorando "Casa nova", diz a mensagem publicitária.

É verdade, há duzentos anos morria na Boêmia, Jacques Casanova, deixando inacabado um alentado volume de Memórias. Só que durante quase duzentos anos ninguém reconhecia naquelas 3.000 páginas a obra prima de literatura, escrita que havia sido em língua francesa. Estaria o escritor-maldito como os filósofos libertinos destinado ao ostracismo?

As edições oficiais, as academias e seus prêmios, os programas de estudo em literatura não estavam dispostos a reconhecer o escritor, preferindo transformá-lo em mito.

Horror do corpo e seus fluidos? (Fluido é o termo constante no processo Clinton/Lewinski)

Foi difícil, para os dois séculos que se seguiram à morte de Casanova, admitir que as metáforas para falar do corpo ("o verbo criador", dizia Casanova para mencionar o membro viril) e o afeto não teriam forçosamente que estar separados.

"Digam se a luta pela devoção (nos conventos onde as famílias escondiam as jovens antes do casamento) não teria por motivação, ainda que velada, impedir as mulheres de gozar exageradamente", perguntava insolente Casanova?

Filósofos libertinos e escritores-malditos usavam e abusavam do palavreado que eles mesmos iam criando, para dar conta de situações vividas e relatadas longe dos efeitos da censura.

Aquela extraordinária elucubração sobre o corpo, seus fluidos, seus ruídos, sobre o prazer, sobre as aventuras do amor e desamores, sobre a decadência física, valia como uma lição de que escrever pode ser atividade descolada do sofrimento, da profundidade dos românticos, do jargão dos psicólogos.

Até a decadência da carne, já não tão jovem, era motivo para apreciações as mais detalhadas nos escritos de Casanova.

Por isso um cineasta como Peter Greenaway chama atenção quando resgata "ginecologia, canibalismo, nudez... e caligrafia". Ele já era conhecido por haver mostrado na tela cenas de canibalismo, o corpo humano em decadência, partes desse corpo destroçadas. No filme *O livro de cabeceira* são ideogramas escritos no corpo dessa jovem japonesa, cujo pai calígrafo, a cada ano, enfeitava a face dela por ocasião do aniversário.

E a narrativa linear já não é mais exigência para o espectador que se deixou envolver pela escrita deixada nos corpos, pelos corpos que se deixam inscrever, pela imagem que se fixa na tela, se desdobra em quadros, se decompõe em outras imagens, apoiando-se em citações, tal como se fosse um Windows trazido para a tela grande do cinema. Texto e imagem se casam, se recusam, enquanto sexo e palavras se tocam.

As palavras e as coisas sempre foram tema de curiosidade para os homens. As palavras e as coisas do sexo, então, nem se fala!

Este debate foi promovido pela Biblioteca Ailson Braz Sena da Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Minas Gerais, preparando o tema do 9º Encontro Brasileiro do Campo Freudiano "As Palavras e os Corpos", que vai se realizar nos dias 21 a 24 de abril.

